

Zin do Reino da Luz



TULIO FERNEDA

Zin do Reino da Luz

Tulio Ferneda

Ferneda, Tulio

Zin do Reino da Luz / Tulio Ferneda.
Bragança Paulista: edição do autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-60623-2

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.
I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

Licença de uso

Todo o conteúdo desta obra pode ser utilizado sob a licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Você deve dar crédito ao autor original.

Você não pode usar o material para fins comerciais.

Você não pode alterar, transformar ou criar a partir da obra original.



Sumário

O Mágico Reino de Etéria.....	7
O Cristal da Passagem.....	15
O Guardião Kipo.....	28
O Submerso Reino do Coral.....	40
O Palácio dos Domadores de Fogo.....	72
As Ruínas dos Antigos Druidas.....	99
O Templo do Sol e da Lua	123
A Magia das Pequenas Coisas	144
O Berço das Estrelas	163

O Mágico Reino de Etéria

O famoso Reino de Etéria — muito conhecido no mundo da magia — é um lugar realmente encantador. Todo o reino é formado por um arquipélago de ilhas flutuantes no céu, e em cada ilha há uma porção da cidade, com casas, torres e castelos feitos de pedra da lua. Há belos jardins e pomares, cultivados nas ilhas menores, e um grande mercado no pátio que fica bem no centro, com seu piso de ladrilhos.

Pontes de pedras flutuantes, fabricadas pelas Fadas do Reino do Ar, fazem a ligação de uma ilha à outra. Quem passa por elas tem a sensação de estar caminhando entre as nuvens. Para subir aos níveis mais altos da cidade, os moradores usam plataformas que os magos fazem levitar.

No mercado, encontra-se de tudo: frutas, pães e doces saborosos, túnicas bordadas com a seda do

Reino do Sol Nascente, tapetes do Reino das Dunas, chapéus mágicos e até poções. Quem gosta de magia (e boa comida) não perde o passeio.

Ao redor do mercado há dezenas, talvez centenas de pequenas ilhas, que flutuam uma perto da outra, como um aglomerado, todas com casas coloridas e jardins — pois todo morador de Etéria tem um jardim florido em casa. E além dessas casas, as grandes ilhas com as torres dos magos completam o cenário. Ao fundo, na área norte da cidade, o castelo do reino ergue-se imponente, e além do castelo, ilhas de campos de trigo flutuam mais espaçadas, entre as massas brancas das nuvens, cobertas pelo magnífico céu azul.

É difícil saber ao certo como Etéria foi criada. Alguns dizem que os magos guardam esse segredo a sete chaves. Muitas lendas são contadas e recontadas, pelos antigos trovadores que viajavam entre os reinos da magia. Minha favorita é a versão das lágrimas da deusa da terra.

A lenda é mais ou menos assim: a jovem Gaia, deusa da terra, da flora e da fauna, com seus lindos cabelos de folhas, criou um pequeno planeta com grandes continentes e oceanos na superfície. Dessa mistura de água e terra nasceu a vida. A deusa, quando viu sua criação, ficou tão emocionada que chorou lágrimas de alegria.

Só que as lágrimas de uma deusa têm magia. Quando a jovem Gaia chorou, suas lágrimas não caíram na terra, mas ficaram suspensas, flutuando em algum lugar do universo, recebendo a luz das estrelas e toda forma de encanto existente na galáxia. Cada gota cresceu e se tornou uma pequena ilha flutuante. Logo depois, o arquipélago se formou e a natureza encontrou uma forma de fazer as nuvens, o ar e o céu azul de que precisava. O mágico reino de Etéria estava formado.

Quando um lugar assim existe, com tanta magia, não demora muito para que os magos o descubram e resolvam se mudar para lá. E com eles vêm todas as pessoas sensíveis à magia do mundo:

confeiteiros, padeiros, artistas, limpadores de rua, artesãos e todo tipo de gente extraordinária.

E criaturas. Etéria é repleta de animais incríveis: peixes alados que voam ao redor do reino, saltando acima das nuvens e voltando para elas, como se estivessem mergulhando naquele mar celeste; borboletas translúcidas, com asas que parecem vitrais de anjos, cada uma do tamanho de uma árvore; gatos invisíveis (eles só podem ser vistos em raras ocasiões) e até uma baleia celestial, que passa ali perto uma vez ao ano.

E é claro, já que o assunto é encanto, não podemos deixar de falar das crianças. Todas as crianças de Etéria querem aprender a usar magia, menos uma: o pequeno Zin, que mora com sua mãe numa casa com vista para o pôr do sol, não gosta muito da ideia de ser um mago:

— Os magos devem ser muito sábios e passam a vida estudando. E eu não gosto de estudar! — Ele dizia, sempre que alguém perguntava.

De certo modo, Zin tinha razão. Embora os magos fizessem coisas divertidas — como congelar a água no ar e iluminar uma caverna com a pura magia das suas mãos — eles passavam de fato muito tempo nas torres do reino, mergulhados nos livros, estudando sabe-se lá o quê.

O pequeno Zin tinha oito anos, uma linda pele negra e cabelos pretos cacheados. Era um menino esperto, muito criativo e agitado: gostava de passar as manhãs no jardim da ilha onde morava, enquanto sua jovem mãe, Zara, preparava um delicioso café da manhã. Às vezes, ele ia mais longe: saltava pelas pedras para as ilhas vizinhas, para brincar com algum amigo ou fazer arte.

Zara ficava com o filho de manhã. À tarde, ele ia para a escola enquanto ela trabalhava na confeitaria, perto do grande mercado. “Como é bom ter uma mãe confeitadeira, que faz bolos e doces maravilhosos!” — pensava Zin. Todo dia, na hora do recreio, ele fugia da escola e atravessava o pátio do mercado, para comer um doce na charmosa

confeitaria Maçã do Amor. Seu favorito era um bolinho de maçã com canela que sua mãe fazia.

No fim do dia, mãe e filho voltavam para casa. Às vezes, passavam no bazar para que Zin pudesse escolher um brinquedo. Em Etéria não havia lojas de brinquedos. Ao invés disso, os artesãos fabricavam piões, pipas, castelinhos de madeira e dragões de seda — e tudo isso ficava disponível no bazar da cidade. Cada criança podia pegar um brinquedo por vez, levar para casa por um tempo e depois devolver. Zin sempre escolhia algo que pudesse usar do lado de fora, no jardim.

— Hoje eu quero levar a pipa. — Ele disse.

— Ótima escolha! — Disse Zara, sorrindo para o filho. Ela adorava soltar pipa com ele, quando tinha tempo.

E assim eles foram para casa, depois de mais um dia de trabalho. Enquanto Zara carregava uma cesta com as sobras da confeitaria, Zin corria à sua frente, à luz do pôr do sol, com a pipa já planando no ar. Apesar de viverem numa ilha que flutuava no

céu, as crianças pareciam sempre querer voar mais alto: se já tinham as nuvens, elas queriam alcançar as estrelas.

Naquele dia, quando chegaram à porta de casa, havia ali uma carta com papel dourado, o que significava que era uma carta oficial do reino. Zara abriu o documento com cuidado e, após uma rápida leitura, disse ao filho com alegria:

— Filho, sabe o que é isso? Seu convite para o castelo finalmente chegou. Vai ser amanhã!

— Amanhã vou saber o meu talento? — Perguntou Zin.

— Sim. Amanhã cedo vamos ao castelo e você vai poder consultar o cristal.

Em Etéria havia uma tradição: quando uma criança estava perto de completar nove anos, o grande Cristal da Passagem revelava seu talento nato. O cristal nunca errava e geralmente indicava a profissão que cada um deveria seguir, para ter uma vida plena e feliz. Era um momento da mais alta importância na vida de um eteriano.

Zin ficou pensativo por um tempo. Com hesitação, ele disse:

— E se eu não gostar do que o cristal escolher pra mim?

— Ninguém é obrigado a seguir a escolha do cristal. É mais uma orientação. Mas você pode gostar e muito, filho. Quando foi minha vez, eu nunca tinha feito doces nem cozinhou, acabei descobrindo na confeitaria umas das coisas que eu mais gosto de fazer. — Explicou Zara.

Aquelas palavras acalmaram Zin. O garoto não gostava nem um pouco da ideia de alguém escolher seu futuro por ele. Mas se era assim como sua mãe dizia — só uma orientação — então ele estava disposto a dar uma chance.

O Cristal da Passagem

Na manhã seguinte, Zin e sua mãe acordaram bem cedo. Eles quase não conseguiram dormir de ansiedade. O menino abriu a janela do quarto, como sempre fazia, respirou o ar fresco e viu as nuvens envolvendo a colina em sua lenta passagem pelo céu. Um peixe alado azul passou por ali, o que era sinal de boa sorte.

Eles tomaram o café da manhã na varanda, com vista para o jardim: chá adoçado com mel e o famoso bolinho de maçã com canela. Zara olhava para o filho com ternura, sabendo que naquele dia suas vidas mudariam.

— Está com medo, filho? Do que o cristal vai dizer?

Zin apenas respondeu que não com um gesto de cabeça, enquanto tomava o último gole do chá.

— Assim é que se fala! — Disse a mãe, com alegria.

Então eles desceram a pequena colina. Passaram pelo jardim, sentindo o doce aroma das flores, e saíram da pequena ilha atravessando a ponte de pedras. Na verdade, passaram por muitas das ilhas vizinhas, usando seus jardins e pontes como caminho, cumprimentando os vizinhos com um sorriso.

— Bom dia, dona Adélia! — Disse Zara, a uma de suas melhores amigas.

— Bom dia, Zara! Bom dia Zin!

— Boa sorte pra mim! — Completou o menino, fazendo todos rirem da frase que rimava.

Quando finalmente chegaram à plataforma elevadora, perto de uma das torres dos magos, Zin correu e saltou apressado. Zara subiu logo atrás dele. Um velho mago que estava ali, com túnica roxa e uma longa barba branca, se apresentou e passou as instruções de segurança:

— Bom dia, bom dia! Mago Celestino, ao seu dispor. Cuidado ao usar as plataformas mágicas. Será uma subida longa e lenta, para sua segurança. É proibido correr, pular, soltar pipa, usar poções ou qualquer forma de magia durante a subida.

— Bom dia, senhor. — Disse Zara, com simpatia.

— Sim senhor, entendido senhor. — Disse Zin, fazendo uma reverência para o mago, em sinal de agradecimento.

— Muito bem, aqui vamos nós!

O mago fez um gesto com as mãos, como se estivesse puxando alguma coisa no ar para cima, e a plataforma começou a subir. Lentamente eles ganhavam altitude, ao lado da torre, e a cidade ficava pequenina lá em baixo.

Zin adorou aquela experiência. Podia ver todos os detalhes do reino e ficou brincando de encontrar seus lugares conhecidos:

— Olha, mãe! É a nossa casa bem ali! E aquele é o mercado, ali fica a escola e a confeitaria... Poxa, nunca vi como essa cidade era grande!

Zara sorriu ao ver como Zin estava contente. Era muito bom vê-lo tão empolgado.

— E bem ali, filho, é o bazar dos brinquedos, e ali do outro lado é minha loja de roupas favorita, perto daquela casa amarela. — Ela completou, entrando na brincadeira.

Eles subiram mais ainda, até que um cardume de peixes alados passou bem pertinho. Zin conseguiu passar a mão na barriga de um dos peixes, que voou bem acima da plataforma.

Finalmente chegaram. O mago Celestino fez a plataforma parar, encaixando certinho na varanda da torre, que dava para uma porta. Era a primeira vez que Zin entrava na torre de um mago e o lugar era fascinante. Do lado de dentro, puderam ver muitos livros antigos. Apesar de não gostar de ler, o menino achou aqueles livros muito bonitos, com capas coloridas e misteriosas.

— Venham, por aqui. — Disse Celestino. — Fui designado para acompanhar vocês até o castelo. Seria uma honra mostrar cada canto da minha torre, meu jardim mágico, que fica num terraço secreto... Sim, é uma beleza! Mas estamos sem tempo hoje. Vou levá-los direto ao cristal. Mas saibam que, quando quiserem conhecer minha morada, serão muito bem-vindos. — Ele explicou, com muita cortesia.

— Eu adoraria! — Disse Zin.

Eles desceram por uma escada dentro da torre, até que chegaram a uma porta nos fundos. Do lado de fora, uma ponte de madeira conduzia à ilha principal do reino: era a maior das ilhas flutuantes, a mais elevada e onde ficava o castelo. Um lindo campo de relva, com dentes-de-leão, se estendia até a entrada do palácio.

Eles notaram que a torre do Celestino era apenas uma das várias torres que cercavam a grande ilha, fazendo a ligação com diferentes pontos

da cidade lá em baixo. Em cada uma delas morava um mago diferente.

O garoto correu à frente, como sempre, e foi brincar com os dentes-de-leão, soprando-os para todos os lados, trazendo agitação para o campo que estava calmo demais para o seu gosto.

Em frente ao castelo, cercado por árvores de cerejeira, lá estava o Cristal da Passagem. Bem ao lado, um mago de túnica dourada esperava por eles. Quando se aproximaram, ele falou:

— Bom dia, meu caro Celestino! Vejo que trouxe nossos convidados.

— Bom dia, majestade. Sim, senhor, este é o pequeno Zin. E esta é sua mãe, Zara.

Zara fez uma referência e o filho logo copiou o gesto. O rei mago também se inclinou em sinal de respeito e se apresentou:

— Sejam bem-vindos. Sou Melchior, mago supremo e rei de Etéria. Mas não precisa dessa pompa toda! Podem me chamar de Melc apenas, pois não sou nada além de um velho de túnica.

As palavras do rei eram acolhedoras, mas Zara estava surpresa. Afinal, até onde ela sabia, o rito de passagem com o cristal era algo comum, feito com várias crianças no mesmo dia, geralmente com um dos magos das torres e sem a presença do rei. Por que será que naquele dia a única criança ali era seu filho? E por que o rei fez questão de aparecer? Certamente havia uma explicação para tudo aquilo. Mas ela preferiu não perguntar, para não deixar Zin mais ansioso.

O rei logo se adiantou e acabou com o mistério:

— Bom, há um motivo para eu estar aqui hoje, Zin. Nós magos sabemos falar com as estrelas, ler as constelações no céu. Elas nos revelam coisas magníficas. E uma revelação foi feita sobre você.

— Sobre mim? — Perguntou o menino, sem entender direito do que o rei estava falando.

— Sim, meu jovem. O universo me contou que o Cristal da Passagem vai revelar algo muito importante sobre você. Ainda não sabemos o que é,

mas você é um menino especial. As constelações não mentem: seu destino está ligado ao futuro do nosso reino.

Zin ficou em silêncio, sem saber o que dizer. Sua mãe ficou apenas mais curiosa com a fala do rei. Os dois magos perceberam a aflição deles e logo tentaram acalmá-los:

— Mas não se preocupe. Seja o que for, estou aqui para ajudar. — Garantiu o rei.

— Eu também. Pode contar comigo, garoto, para o que precisar. — Prometeu Celestino.

— Está vendo, filho? Dois dos melhores magos do reino estão aqui por você. Isso é uma coisa boa. Agora, coragem. Toque no cristal e vamos ver o que ele tem a dizer. — Disse Zara.

Zin respirou fundo, deu dois passos à frente e colocou suas mãos sobre o grande cristal. O artefato começou a brilhar e todos fecharam os olhos por um momento. Depois de um tempo, ouviu-se uma voz:

— Podem abrir os olhos, filhos de Gaia. Quem vos fala é o Espírito da Magia, que mora neste cristal.

E então, Zin abriu os olhos e percebeu que o cristal estava agora meio translúcido, como um vitral, exibindo em seu interior imagens de lugares que ele não conhecia: um coral nas profundezas do oceano; um oásis nas areias de um deserto; as ruínas de uma antiga civilização na floresta; e um templo suspenso no ar, entre montanhas e cachoeiras. Enquanto mostrava essas imagens, como sonhos vivos, a voz no cristal continuou a falar:

— A criança perante mim tem muita magia dentro dela, uma magia peculiar: certamente é única em seu reino. É seu destino conhecer os reinos elementais, para então, ao longo da jornada, perceber a amplitude e o valor do que tem dentro de si. Deve partir o quanto antes, pois quando adulto será não apenas um mago, mas o mago supremo de Etéria.

E assim o cristal se apagou. Zin ficou um tanto confuso, pois não sabia se havia entendido bem. Zara ficou perplexa, pois tinha compreendido finalmente qual era o futuro de seu filho. Até Celestino ficou surpreso, mas Melchior demonstrava toda a tranquilidade do mundo.

— O que isso quer dizer? — Perguntou Zin ao rei.

— Quer dizer, meu jovem, que você se tornará um mago, um dos bons na verdade, e um dia vai assumir meu lugar e se tornar nosso novo rei. Ora, por essa eu não esperava! Mas é algo magnífico, realmente, isso me agrada muito, meu jovem, me agrada muito! Afinal, este velho aqui precisa descansar. — Disse o rei, pensativo com a mão no queixo e um sorriso de uma orelha à outra.

— Eu sabia que esse cristal era uma roubada! Não vou ser mago coisa nenhuma! — Disse Zin, num ímpeto de raiva, e saiu correndo para longe do cristal.

Os dois magos ficaram surpresos com a reação do menino. Afinal, pela experiência deles, qualquer criança do reino estaria pulando de alegria nesse momento.

— Nunca vi uma criança rejeitar assim a magia... — Observou Celestino.

— E isso só confirma o que o cristal falou: ele é único no reino. — Ponderou Melchior.

— Não é exatamente da magia que ele não gosta. O Zin é um menino muito sonhador, sabe? — Disse Zara, enquanto observava o filho sentado no campo de dentes-de-leão, cabisbaixo e com os braços cruzados.

— Sonhador é uma qualidade essencial para um mago. Qual o problema então? — Perguntou Celestino.

— Ele não gosta de estudar, nem um pouquinho. Vai pra escola na marra e dá uma escapada sempre que tem uma chance. Pra ser sincera, acho que ele tem dificuldade e medo de não conseguir. — Explicou a mãe.

— E ele acha que os magos só estudam, trancados em suas torres... — Concluiu o rei.

— Bom, vamos ter que mostrar ao garoto que ele está muito enganado. Se me permitem, vou levá-lo por um passeio à minha torre, acredito que sei como convencê-lo do contrário. — Sugeriu Celestino.

— É uma ótima ideia, meu velho amigo. — Disse o rei.

— Senhores, como mãe eu gostaria de saber... O meu filho tem escolha? Ou esse destino é inevitável?

— Destino é o resultado das nossas escolhas. — Disse Melchior. — Zin é livre para seguir o caminho que quiser. Mas se me permite opinar, vejo muito potencial nele. Vamos mostrar ao menino do que realmente se trata o mundo da magia. Depois, se ele não quiser, não precisa se tornar um mago. E este velho aqui vai acabar sendo rei por muito mais tempo...

— Acho que alguém está querendo se aposentar. — Comentou Celestino, com um sorriso provocativo para o rei.

— Ora, ora! Não seria nada mal passar o resto da vida pescando douradorinhas! — Admitiu o rei. Douradorinha era uma espécie de peixe alado, mistura de dourado com andorinha. — Mas o que realmente importa, o que me deixa feliz, é a ideia de passar o trono para alguém tão nobre quanto Zin: alguém que reconhece os próprios limites e não tem nenhuma ganância por poder.

— Sábias palavras, meu rei. Sendo assim, vou fazer o meu melhor para mostrar o ofício dos magos ao menino. — Disse Celestino, se despedindo do grupo com uma reverência.

— Enquanto isso, dona Zara, vamos tomar um chá? — Convidou o rei.

— Um chá seria ótimo. — Ela aceitou, torcendo para que o filho se acalmasse e, quem sabe, ficasse mais aberto às possibilidades que a vida apresentava.

O Guardião Kipo

Celestino tinha um plano em mente. Um passeio pelos segredos da torre dos magos poderia fazer o menino mudar de ideia. Ele se aproximou e sentou-se ao lado de Zin, no campo florido:

— Não adianta tentar me convencer. — Disse o menino, com a expressão inflexível.

— Ora, garoto. Você saiu correndo e nem deu tempo de explicar: o que o cristal falou não é obrigatório. Você pode ser um mago, se quiser. E pelo que sabemos, se seguir esse caminho vai deixar o velho Melchior para trás. — Disse Celestino, com um tom bem humorado.

— Mas pra isso vou ter que passar a vida estudando, é muito chato! Nem pensar, eu prefiro ser artesão, fazer brinquedos, ou então fazer doces que nem minha mãe.

— Entendo. Quando era menino eu queria ter uma criação de gatos invisíveis. O problema é que eu não enxergava nenhum deles!

Zin não se conteve: soltou uma risada ao ouvir o comentário bobo do mago. Nesse momento, Celestino soube que tinha uma chance de abrir a mente do garoto.

— E o que te fez mudar de ideia? — Perguntou Zin.

— Bom, o cristal mágico disse que eu poderia ser um mago. Nunca tinha considerado essa ideia, mas quando meu antigo mestre me levou para conhecer os portais, tudo mudou.

— Portais? — A curiosidade já tomava conta do menino.

— Ah sim, portais mágicos são a coisa mais comum na vida de um mago. É uma pena que você não tenha interesse, pois tenho alguns na minha torre, sabe?

Zin sabia que Celestino estava tentando convencê-lo de que ser um mago era uma boa ideia.

Mas podia ser legal conhecer os portais mágicos, que pareciam ser o lado mais divertido do trabalho dos magos.

Ele acabou concordando e Celestino o conduziu de volta à torre por onde haviam passado. Atravessaram a ponte de madeira e entraram pela porta dos fundos, subiram as escadas e logo estavam de volta à sala principal da torre: um ambiente circular, com paredes de pedras e estantes cheias de livros.

— Só estou vendo um monte de livros... — Resmungou Zin.

— Veja com mais atenção. — Disse Celestino, pegando um dos livros da estante e colocando-o sobre a mesa no centro da sala.

O mago abriu o livro e no interior havia um monte de letras diferentes, como se fossem de um alfabeto antigo ou de uma língua desconhecida. Mas o que aconteceu em seguida mudou para sempre a opinião do menino sobre livros: Celestino fez um movimento de feitiço com as mãos, disse algumas

palavras que Zin não entendeu (mais tarde ele descobriu que era a língua dos elfos), e então, como num passe de mágica (bom, na verdade, era exatamente um passe de mágica), o livro começou a emanar uma luz de suas páginas, até que a imagem de um bosque encantado se formou ali, da maneira mais viva e real possível.

O bosque parecia uma pintura com movimento, com pássaros e animais passando e o vento fazendo as árvores balançarem.

— Uau! — Disse o menino, perplexo.

— Me dê a mão. — Pediu o mago, e quando suas mãos se tocaram, os dois foram transportados rapidamente para dentro do livro.

A sensação daquela passagem foi muito estranha. Zin sentiu que, por um segundo, seu corpo era totalmente feito de luz, e de repente estava no bosque com Celestino, como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo, e a realidade do seu mundo conhecido — o reino de Etéria — tivesse sido um sonho.

— Onde estamos? — Perguntou Zin.

— Nós estamos no Bosque de Elinor, um dos mundos mágicos que existem. Na verdade, Zin, quero que você perceba isso: a principal tarefa de um mago é conhecer todos os reinos da magia, para cuidar do equilíbrio entre eles. — Explicou Celestino.

— Equilíbrio?

— Sim. Por exemplo, não queremos que o reino da água domine completamente o reino do fogo, nem que o reino do sol ofusque a beleza da lua. Se essas coisas acontecerem, o universo vira uma bagunça! Nós precisamos que todos os elementos estejam sempre em harmonia, sendo que cada um tem a sua importância.

— E quantos mundos mágicos existem?

— Viu os livros na estante da minha torre? Cada um deles é um portal para um mundo único. E em cada torre de cada mago há tantos livros, logo existem tantos mundos que você nem faz ideia.

Zin ficou admirado com tudo aquilo. O Bosque de Elinor parecia um lugar incrível, com florestas encantadas, criaturas mágicas, que só de olhar dava vontade de viajar e conhecer aquele mundo. Imagina quantos lugares assim um mago não poderia conhecer? Era como brincar fora de casa, no jardim, mas havia infinitas terras maravilhosas para explorar.

— Fala a verdade, garoto? Ser um mago não parece nada mal agora, não é? — Provocou Celestino.

Zin apenas sorriu e o velho mago soube na hora qual era sua resposta. A magia geralmente conquistava aqueles que a conheciam de perto.

— Mas e a parte dos livros? Pra mim é difícil, essa coisa de ler e escrever. — Confessou o menino.

— Se quiser, te ajudamos com isso. Ora, sempre tem alguém para ajudar. E aos poucos você pega o jeito. Não tem pressa. Ninguém vai te pedir para fazer uma prova ou coisa do tipo.

Aquelas palavras deixaram Zin muito mais calmo. Não ter que fazer provas tirava um enorme peso da sua mente.

— Mas chega de conversa fiada, garoto. Vamos ao que interessa. Quero que conheça um amigo. — Disse Celestino, e começou a caminhar por entre as árvores do bosque.

Zin o seguiu até uma clareira onde havia um grande tronco de árvore caído. Em cima do tronco estava deitada uma pequena criatura. Quando eles se aproximaram, a criatura se levantou e o menino pôde observá-la melhor: era um animal peludo, de cor branca, baixinho e gordinho, que se erguia sobre duas patas, tinha uma calda grossa e macia que se enrolava na cintura, e uma face que se parecia muito com a de um gato, com um focinho rosado e um bigodinho engraçado; seus olhos eram pequenos, meio fechados, tinha dois bracinhos bem colados ao corpo e, na mão direita, segurava um pequeno cajado de madeira (algo que parecia um artefato mágico).

— Zin, este é o guardião Kipo. Ele vai ser o seu mestre. Quer dizer, isso se você escolher o caminho da magia.

Kipo deu um salto do tronco e, sem fazer muito esforço, levitou por um momento, flutuando no ar feito pluma até pousar diante do menino.

— Eu vou, é? Vamos ver se eu gosto do que vejo nesse menino. — Disse o guardião, com uma voz que parecia ser muito inteligente e bem humorada.

Kipo se aproximou de Zin e encostou sua testa peluda na do garoto.

— Isso faz cócegas! — Disse o menino, rindo sem controle quando o pelo e o bigodinho de Kipo roçaram em seu rosto.

— Vejo alegria interior. Isso é muito bom. Kipo gosta disso!

— É claro, você me fez dar risada! Como eu não poderia estar alegre? — Acusou Zin.

— É esperto também. Mas tem cara de ser teimoso. Nem tudo é perfeito. Vai servir, sim. Kipo aceita ser o mestre de Zin.

— Meu mestre? Espere um pouco, achei que se eu fosse um mago, eu seria o mestre e você meu assistente... — Disse o menino, fazendo Celestino dar uma boa risada dessa vez.

— Garoto! Não diga isso que o Kipo vai ficar bravo, hein. — Disse o mago.

— Olhe aqui menino, saiba que você tem um longo caminho pela frente para ser um mago. Acha que merece uma túnica só porque o cristal disse que você tem talento? Vai precisar de um mestre por enquanto. Kipo aceita ser seu mestre. Mas não me faça mudar de ideia!

Zin adorou Kipo. Ele sentiu que os dois poderiam ser bons amigos. Era como ter um animal de estimação (um que falava e era muito sábio).

— Kipo, você voa?

— Kipo não voa, não pelo céu como peixe alado, mas pode planar por bastante tempo.

— Você é um gato, Kipo? É um guaxinim?

— Kipo não é gato, nem guaxinim, nem lontra.

Kipo é Kipo!

— Você é engraçado, Kipo! Mas parece um gato gordinho pra mim. Duvido que consiga me pegar! — Disse Zin, em tom provocativo, e já saiu correndo pelo bosque.

— Ora, mas que menino sem vergonha! Imagina, senhor Celestino? Dizer uma coisa dessas! Volte aqui, garoto, Kipo vai te ensinar sua primeira lição!

E assim, Kipo saiu correndo atrás de Zin, planando pelo bosque e tentando alcançá-lo, pegando impulso nos troncos das árvores com suas patas, querendo mostrar ao seu mais novo aprendiz quem é que mandava por ali.

Celestino apenas sorriu ao ver aquela farra dos dois. Ele soube que Zin havia sido conquistado para o mundo da magia. Ninguém resistia ao charme do guardião Kipo. Afinal, provocá-lo era muito divertido!

Quando voltou da expedição ao Bosque de Elinor, agora com Kipo ao seu lado, Zin finalmente contou à sua mãe que havia se decidido: ele queria tentar ser um mago. Contou a ela sobre as maravilhas dos portais mágicos e apresentou seu guardião e mais novo amigo. Zara soube que o filho ficaria bem, em ótima companhia:

— O senhor é uma graça, senhor Kipo. E vejo que é muito sábio. Sei que meu filho estará em boas mãos ao seu lado, nesse caminho que ele escolheu.

Kipo ficou lisonjeado com as palavras de Zara e até deixou que ela fizesse um carinho em seu pescoço. Era muito raro ele deixar alguém tocá-lo com tanta intimidade.

— Mas esse gato é bom de bico mesmo, hein?
— Disse o rei, provocando o guardião que era um velho conhecido.

— Kipo não é gato nem tem bico! Vou dar-lhe uma paulada nesta coroa velha, rei abusado! — Esbravejou o guardião. Kipo sabia impor respeito e não deixava nem mesmo o rei falar com ele daquela

maneira. Mas todos riram do ocorrido, pois era divertido ver como aquele gato (ou melhor, guardião mágico) saía do sério com as provocações.

— O rei me explicou tudo, filho. Você vai morar aqui no castelo por um tempo, para aprender tudo o que precisa. Vou sentir sua falta, mas pode me visitar em casa ou na confeitaria, sempre que sentir saudades. — Disse Zara.

O menino deu um forte abraço em sua mãe, em despedida. O mago Celestino a conduziu de volta ao reino lá em baixo, pela plataforma mágica da torre. Uma nova etapa da vida estava começando.

O Submerso Reino do Coral

A vida no castelo se mostrou divertida para Zin, mas também cheia de desafios. O menino ganhou um quarto só para ele e passava os dias com o guardião Kipo, aprendendo tudo sobre magia. A maior parte do tempo eles passavam no campo de dentes-de-leão, um lugar sereno e espiritual.

— Então, para qual mundo nós vamos primeiro? Tem algum mundo de piratas? Algum no espaço sideral, em outro planeta? Tem algum reino de ilhas flutuantes, como o nosso? — Perguntava Zin, ansiosamente, com a esperança de que pudessem visitar um daqueles magníficos reinos mágicos, dos livros que Celestino havia lhe mostrado.

— Calma, calma, menino. Você está muito apressado! O primeiro mundo que vamos conhecer é um lugar nas profundezas do oceano: o Reino do

Coral. Mas para isso, você deve aprender a dominar o elemento água. — Explicou Kipo.

— Dominar a água?

— Isso mesmo. Kipo vai mostrar como se faz.

O guardião Kipo foi flutuando até o castelo, com sua cauda peluda balançando e seu pequeno cajado em mãos. Pouco depois ele voltou, fazendo levitar uma mesinha e um copo d'água. Com sua magia, fez a mesinha pousar delicadamente no campo e o copo d'água sobre ela, sem derramar uma gota.

— Uau, isso foi incrível, senhor Kipo! Me ensina a fazer isso?

— Isso requer anos de treinamento mágico, garoto. Não seja abusado. Vamos começar com o básico. Quero que se concentre, feche os olhos e coloque o foco do pensamento na água do copo. Você deve respirar profundamente. A magia está dentro de você, então com um pouco de paciência vai conseguir levitar a água.

— Isso parece impossível... — Reclamou Zin.

— Tudo é impossível se você não tentar. A água é o elemento mais básico da vida. Cada célula do seu corpo está cheia de água. No sangue que circula em você, na sua respiração, a água está sempre ali. Entendeu?

— Mais ou menos. O que devo fazer afinal?

— Quero que retire a água do copo.

— Isso é fácil. — Disse o menino, e com um sorriso maroto no rosto se adiantou, pegou o copo e bebeu toda a água.

— Com o poder da sua mente, seu sem vergonha! — Kipo respondeu, dando um tapa de leve na cabeça do garoto com seu cajado.

— Ai, Kipo! Essa doeu! — Reclamou o aprendiz, passando a mão na cabeça.

— Isso é pra você não fazer mais gracinhas.

Então Kipo foi ao castelo buscar mais um copo d'água. Quando voltou, passou as instruções com mais clareza ao menino, para que não houvesse engano dessa vez:

— Sente-se, feche os olhos e respire. Imagine cada gota de água que existe em você. Imagine a água do copo. Faça um desenho em sua mente, de uma pequena gota d'água se formando, saindo desse copo e levitando no ar.

Eu gostaria de contar que Zin teve êxito naquela tarefa logo no primeiro dia. Mas então isso não seria uma história real. O menino era um pouco impaciente: para ele não era fácil ficar quieto, em meditação. Todos os dias, pela manhã e no fim da tarde, ele tentava levitar a água sem sucesso.

— Eu não vou conseguir isso nunca... Acho que não sirvo pra ser mago! — Esbravejou o garoto.

— Ora, ora, menino. Você tentou só algumas vezes e já quer desistir? Pelo que vejo, nesses dias teve algum progresso.

— Eu tive?

— Ah sim, com certeza. Você não tentou mais beber a água. E sem perceber, a cada vez fica mais tempo em meditação.

— Sério mesmo, senhor Kipo?

— Kipo só fala sério. Não sou engraçadinho como Zin. Teve um dia que você ficou por uma hora meditando.

— Uma hora?! Nossa, pra mim parecia só alguns minutos!

— Isso é bom. Quer dizer que aprendeu a se acalmar, mergulhar na própria mente.

Kipo estava certo. Sem perceber, Zin gostava cada vez mais da meditação. Aquele campo era um lugar muito agradável: o aroma das flores, o som dos pássaros ao fundo, o chiado do vento que passava pelas bordas da ilha flutuante — tudo isso trazia uma boa sensação ao menino. Com o tempo, ele aprendeu muito bem a aquietar a mente. Até que um dia, teve uma agradável surpresa.

Zin estava meditando, concentrado na água do copo, quando ouviu um barulho incomum. O menino abriu os olhos para espiar por um momento e suas suspeitas estavam confirmadas: era o guardião Kipo, deitado na grama, dormindo de

barriga para cima e roncando. O danado tinha adormecido enquanto Zin fazia sua lição.

“É hoje que eu pego esse gato!” — Pensou o menino.

Uma renovada motivação tomou conta do garoto. Ele fechou os olhos e se concentrou como nunca antes naquela água. Abriu a palma de cada mão e apontou em direção ao copo. Quando se deu conta, sentiu uma espécie de peso naquela direção, como se estivesse carregando algo sem tocar. Ele abriu os olhos e ficou muito empolgado com o que viu: não apenas uma gota, mas toda a água do copo levitava no ar, na forma de uma esfera perfeita.

Zin abriu aquele sorriso maroto. Era muito grande a tentação, não poderia resistir... Ele conduziu a esfera d'água lentamente pelo ar, até que ela ficasse exatamente acima do guardião Kipo, que ainda dormia feito um bebê — e roncava feito um gato.

— Tá na hora de acordar, senhor Kipo... — Sussurrou o garoto.

Então, ele deixou a água cair sobre o mestre. Quando isso aconteceu, Kipo acordou de supetão, deu um pulo e soltou um miado agudo (ele não gostava de ser chamado de gato, mas miava como um), esbravejando logo em seguida:

— Pelas barbas do feiticeiro! O que aconteceu aqui?!

Zin ficou quieto, se contendo para não rir. Quando o mestre viu o copo vazio e o menino ainda sentado em seu lugar de meditação, com aquele olhar de quem tinha aprontado, logo entendeu o que se passava. Ele pegou seu cajado, flutuou calmamente até o garoto e disse:

— Muito bem, Zin. Você conseguiu levitar a água. Está de parabéns.

— Estou? — Disse o garoto, que esperava levar uma bronca.

— Sim, isso foi realmente muito bom. Agora, podemos seguir para a segunda lição... — Disse o mestre, carinhosamente.

— E qual é a segunda lição?

— Corra por sua vida, menino, que vou te dar umas pauladas com esse cajado ou não me chamo Kipo, guardião dos reinos da magia!

O tom carinhoso de Kipo havia desaparecido. Zin soube na hora que o mestre falava sério. O menino saiu correndo, com medo, mas rindo ao mesmo tempo, com o guardião flutuando enfurecido atrás dele.

— Senhor Kipo, não fique bravo! Como o senhor disse, eu fiz um ótimo trabalho, não foi? — Dizia o menino enquanto fugia.

— Volte aqui moleque, vou te ensinar uma lição! — Ameaçava o mestre.

E assim eles saíram correndo pela ilha do castelo, agitando tudo por onde passavam. O rei Melchior e o mago Celestino observaram tudo de longe:

— Ele está se saindo bem, o que acha? — Perguntou Celestino.

— Adoro esse menino! — Disse o rei, com tom de molecagem.

Quando Zin já estava dominando a levitação da água, o mestre Kipo veio finalmente convidá-lo para uma viagem ao Reino do Coral. Ele apareceu no campo de dentes-de-leão — local onde sempre se encontravam pela manhã — trazendo um enorme livro azul marinho, que vinha flutuando no ar ao comando do seu cajado.

— É hoje? — Perguntou o menino, ansioso.

— É hoje sim, meu caro aprendiz. Vamos ao Reino do Coral. — Disse Kipo, contente com a empolgação do pupilo, mas mantendo certo tom de seriedade em sua fala enquanto coçava o bigode.

O mestre fez o livro pousar sobre a mesinha, aberto em uma página com símbolos estranhos, como era comum nos livros dos magos.

— O que está escrito? — Perguntou Zin.

— São runas de uma antiga língua da magia. Estas eram usadas pelos mestres de Lemúria e

Atlantis. Um dia você vai aprender. Por hoje, vou dizer as palavras para abrir o portal.

Então, Kipo disse algumas palavras que Zin não entendeu. Com seu cajado fez um movimento circular e o livro começou a emitir uma luz. Em questão de segundos, a luz envolveu mestre e aprendiz — e ambos desapareceram feito relâmpago.

Quando abriu os olhos, Zin estava no interior de uma pequena cabana de madeira. Era um lugar aconchegante, com uma poltrona e uma estante com livros, uma cozinha charmosa e uma mesa com toalha xadrez, além de uma linda varanda com vasos de flores que circulava toda a habitação. O aroma das flores entrava com a brisa fresca pelas janelas abertas.

Não havia sinal do mestre, então Zin saiu pela única porta da cabana, que dava para a varanda do lado de fora. Ao sair, percebeu onde estava: a cabana flutuava sobre um lindo oceano azul, que se estendia sem fim por todos os lados. Gaivotas passavam lentamente pelo céu, planando bem longe

e pousando num pequeno rochedo no mar. O mestre Kipo estava bem ali, na beira da varanda, tocando a água do mar com suas patinhas delicadas.

— A água está gelada hoje. Vou ter que caprichar no feitiço.

— Feitiço? — Perguntou Zin, curioso.

— Vou transformar você numa criatura da água. Um ondím, para ser mais exato. — Disse o mestre, com naturalidade.

— Vai me transformar no quê? — Perguntou Zin, com certo pânico da ideia.

— Calma, calma. É só uma magia temporária. Você vai se sentir muito bem com isso, pode acreditar. Os ondíns são seres humanóides, têm braços e pernas, dois olhos, nariz e boca como você, mas a pele escamosa de um peixe, pés e mãos feito nadadeiras, e brânquias para respirar debaixo d'água. Isso é necessário se quiser entrar no Reino do Coral, que fica submerso bem abaixo desta cabana, nas profundezas do mar.

— E você não vai comigo, senhor Kipo?

— Eu estarei com você em espírito. Vou ficar aqui na cabana, em profunda meditação, enquanto meu espírito te acompanha debaixo d'água. Você não tem medo de fantasmas, tem? — Perguntou o mestre, como se aquilo tudo fosse a coisa mais normal do mundo.

— Bem... Eu nunca vi um... — Hesitou o menino.

— Ótimo! Eu vou me parecer com um. Então serei o primeiro espírito que você vai ver. Não pode temer aquilo que já conhece.

— Está bem, então. — Disse o menino, revelando medo e incerteza em sua voz.

— Não se preocupe, serei o seu guia lá embaixo. Você confia em mim?

— Mas é claro, senhor Kipo. O senhor é o melhor mago que existe!

Aquela resposta do aprendiz foi tão espontânea que foi impossível para Kipo esconder sua alegria e vaidade:

— É verdade, sou mesmo, não sou? Onde estou com a cabeça? Não há o que temer, já que você está na companhia de um mestre da mais alta estirpe.

Zin não sabia o significado da palavra estirpe, mas entendeu que seu mestre ficou feliz da vida por ter sido elogiado e agora estava mais convencido do que nunca.

Kipo fez um movimento com o cajado e disse as seguintes palavras:

— *Transmutare Temporalis!*

Então uma luz envolveu o menino e, num piscar de olhos, ele havia se transformado em um ser aquático, como o mestre havia prometido. Zin ainda podia respirar fora d'água, mas sentiu uma vontade imensa, quase incontrollável, de mergulhar no oceano. E assim ele fez: deu um belo salto da varanda para a água azul. E quando a água envolveu seu corpo sentiu-se leve, mais leve do que nunca, como se fosse capaz de voar naquele mundo marinho.

Ele começou a nadar, com naturalidade, mergulhando cada vez mais fundo. A luz do sol conseguia iluminar as partes mais rasas do que parecia ser um enorme recife de coral. Formas coloridas de algas, conchas e corais existiam ali, revelando um fantástico mundo submerso. Cardumes de peixes dos mais variados tipos e cores se escondiam nas reentrâncias do recife, pequenos caranguejos rastejavam no solo arenoso do fundo do mar. Formas de vida maravilhosas se exibiam.

E tudo isso era visível até certo ponto, além do qual só havia um profundo abismo engolido pela escuridão. Zin se deu conta de que precisava da orientação do mestre, então começou a procurá-lo:

— Mestre Kipo?! Cadê você?

— Estou aqui. — Disse o mestre, surgindo de repente ao seu lado.

Kipo flutuava, como sempre, mas parecia mesmo um fantasma. Ele estava todo transparente e com uma cor azul esverdeada, como se um cristal

mágico ou abajur o iluminasse. Mas ainda parecia o mesmo gato velho e rabugento de sempre.

— Senhor Kipo, para onde eu vou? Estou perdido.

— Siga o som das ondinas, elas são nossas anfitriãs hoje. — Sugeriu o mestre.

Então Zin se deu conta de que ouvia um doce canto juvenil, com vozes femininas. Ele seguiu a direção do som e foi se aproximando do recife, até perceber que havia ali pequenas casas feitas do próprio coral. De cada janela acendeu uma luz, de cada porta saiu uma ondina, até que dezenas delas se aproximaram em grupo para receber os visitantes. As ondinas eram todas meninas, criaturas muito parecidas com Zin naquele momento, com pele de escamas, nadadeiras e brânquias no pescoço. Eram lindas: seus cabelos eram como ramos de algas e seu nado parecia uma dança na água.

— Senhor Kipo! Senhor Kipo! — Disseram elas em coro, e logo nadaram até o espírito do guardião.

O que se seguiu foi algo impressionante: elas nadavam ao redor de Kipo e brincavam com ele, sorrindo, e coçavam o pescoço do pequeno mestre que estava ali apenas em espírito. Zin acabara de conhecê-las, mas logo soube que deviam ser muito especiais: afinal, elas conseguiam tocar um espírito.

— Senhor Kipo, sentimos sua falta! — Disse uma delas.

— Senhor Kipo, nosso gatinho favorito! — Disse a outra.

E assim elas nadavam e brincavam ao redor de Kipo, fazendo uma farra com o guardião, que não se conteve com a brincadeira:

— Miau! Vocês são uma graça, meninas. — E Kipo se deitava com a barriga para cima, esperando as carícias delas, como um bichinho de estimação.

“Não acredito nisso...” — Pensou Zin. Aquele nem parecia seu mestre rabugento. Perto das meninas, Kipo era doce como mel.

— Seu sem vergonha... Te chamamos de gato e você come nosso couro! Para elas você mia feito

um gatinho de madame? — Disse Zin, inconformado.

— Vejo que meu aprendiz está com ciúmes. Não liguem meninas, nem todos têm o charme do velho Kipo. — Retrucou o mestre, com um sorriso de uma orelha à outra.

Zin entendeu que Kipo era muito querido e um velho amigo das ondinas. Depois da brincadeira, elas vieram observar o jovem aprendiz, pois nunca tinham visto um ondim menino. O mestre o apresentou:

— Este é meu aprendiz. Ele se chama Zin e será um grande mago no futuro.

— É um prazer conhecê-lo, Zin. — Elas disseram em coro e ele as cumprimentou com uma reverência.

As ondinas então ficaram sérias, pois a rainha Cora acabava de chegar. Com seus lindos cabelos azuis de algas luminosas, a líder do reino inspirava seriedade e confiança, e parecia emanar magia por onde passava. Ela tinha algo importante a dizer:

— Mestre Kipo, é bom rever um velho amigo. Talvez você e seu aprendiz possam nos ajudar com algo. Temos um problema lá embaixo. — Disse Cora, com certo tom de tristeza em sua voz.

— Por “lá embaixo” você quer dizer o abismo?
— Perguntou Kipo.

— Oh sim! Acontece que um galeão naufragou por aqui faz um tempo, os destroços do navio estão no fundo desse abismo. Todos os fantasmas dos piratas que estavam a bordo já subiram, menos um: o capitão ainda está lá, preso ao timão, e chora toda noite. Seu choro é melancólico, tão frio e solitário que está deixando o recife cada vez mais vazio.

— Como assim, vazio? — Perguntou Kipo.

— Os peixes começaram a fugir, vão embora a cada dia para outros cantos do mar. E nós já quase não dormimos à noite. Se continuar assim, teremos que nos mudar e... Bem, você sabe o que aconteceria.

— Seria o fim do Reino do Coral. — Concluiu Kipo.

— O fim de todo o reino? Mas por quê? —
Perguntou Zin.

— É a magia das ondinas que mantém o coral vivo. Sem elas, nada disso existira. — Explicou o mestre.

— Então temos que fazer alguma coisa... —
Disse o menino, aflito.

— Assim é que se fala! Viram isso, meninas? Meu discípulo não vai decepcionar. Ele está se oferecendo para ir lá embaixo dar um jeito no capitão fantasma. Que orgulho desse garoto...

— Estou o quê?! — Disse Zin, assustado com a ideia do mestre.

— Obrigada, Zin! Muito obrigada!

— É muito gentil da sua parte!

— Poxa, que jovem corajoso! — Diziam as ondinas em coro, animadas ao saber que alguém resolveria o problema.

— É isso mesmo, Zin. Esta será sua próxima tarefa como meu aprendiz: nade até o fundo do abismo, encontre o galeão perdido e fale com o

fantasma do capitão. Será ótimo para o seu treinamento. — Disse Kipo.

— Não sei se é uma boa ideia, mestre... Não é perigoso? Não tem tubarões lá no fundo?

— Que nada, você vai ficar bem. Lembre-se que é um ser da água agora. Não há tubarões por essas bandas, mas se encontrar alguma criatura e sentir medo, tente se conectar com ela, se comunicar. Mostre que você não é uma ameaça e que ama toda forma de vida.

— Tudo bem... Mas o que eu faço quando achar o capitão? Como vou trazê-lo de volta?

Zin ainda estava muito hesitante com aquela missão. Ele começava a perceber que, para ser um mago, era preciso uma boa dose de coragem.

— Quando encontrá-lo, você deve se lembrar que a única coisa que o prende ao navio é o apego a uma vida que já passou. É um caso típico de desequilíbrio entre os elementos: o espírito do capitão é do elemento luz, mas por apego e medo, ele

está preso ao elemento água. Escute seu coração e saberá o que fazer. — Foi o conselho do mestre.

E assim, diante da esperança das ondinas e da fé de seu mestre, Zin tomou coragem e nadou em direção ao abismo. Ele levou uma estrela do mar, que Cora lhe deu para iluminar o caminho.

— Boa sorte. — Disse a rainha, acenando para o menino.

O pequeno Zin mergulhou cada vez mais fundo no abismo do Reino do Coral. A escuridão era assustadora, especialmente porque havia nas paredes uma fraca luz azulada, de uma espécie de alga luminescente, que o permitia enxergar os vultos das criaturas marinhas se movendo lentamente. A estrela do mar brilhante, que segurava com as duas mãos enquanto nadava, ajudava a iluminar o caminho, mas revelava aos poucos o ambiente em seu pequeno círculo de luz branca.

E assim ele nadou, corajosamente, em direção ao desconhecido, como um bravo mergulhador com sua pequena lanterna.

Alguns cardumes de peixes passavam por ele, surgindo de repente na escuridão, fazendo sua espinha gelar a cada novo encontro. Uma raia azul escura, com pequenas manchas brancas no corpo, chegou bem perto do menino. Mas logo ele notou que a criatura era inofensiva e apenas passeava pelo abismo em sua dança aquática.

Em certo momento, Zin avistou uma sombra volumosa, que poderia muito bem ser o navio que estava procurando. Mas logo descartou a ideia: ao notar que aquela enorme sombra se movia, seu coração disparou. A adrenalina corria em seu corpo e ele gelou de medo, apenas por estar na presença de uma criatura tão colossal.

Era uma baleia. Zin estava acostumado com as baleias celestes, que visitavam a costa flutuante de Etéria uma vez por ano. Mas esta era uma baleia marinha, dez ou vinte vezes maior. Ele podia ouvir

seu canto melancólico e sentir a vibração da água enquanto ela passava.

Então se lembrou do que o mestre Kipo dissera: se tivesse medo de alguma criatura, deveria se comunicar com ela. Com essa ideia em mente, Zin se aproximou e tocou o corpo da baleia pela lateral, acompanhando seu lento nado. Ao tocá-la, sentiu uma energia vital magnífica. Fechou os olhos e podia sentir a respiração do incrível animal, era capaz de perceber o fluxo de energia correndo em seu corpo. Aquela foi uma experiência comovente, pois ele sentiu a alma da baleia falando com ele. Sem trocar nenhuma espécie de som ou palavra, apenas soube que ela estava em paz com sua presença.

Ficaram assim por um tempo, até que a baleia acelerou o nado, ganhando velocidade. Zin soube que estava na hora de deixá-la ir. Quando ela foi embora por um corredor entre dois paredões do abismo, o menino notou que o galeão naufragado estava bem abaixo dele.

A embarcação estava meio fincada na areia do fundo do mar, com avarias em seu casco de madeira, mas ainda era possível ver sua forma elegante: a cabine do capitão, em ruínas, na popa, mas ainda com sua bela porta de cobre e a escada com corrimão dourado; o gurupês, na proa, e uma carranca de leão; e muitas algas crescendo nos arredores.

Zin entrou no navio por um buraco no casco, iluminando o interior com sua estrela do mar. Ele atravessou o porão nadando, observando admirado cada tesouro que havia ali. Mas jóias e ouro não lhe interessavam. Ele podia ouvir com nitidez o choro do capitão, então foi seguindo sua voz:

— Glória! Minha doce Glória! Como fui te perder? Não... Não... — Dizia a voz chorosa do pirata.

O menino nadou até o convés por um alçapão e lá estava a pálida figura do fantasma, tentando ainda navegar o galeão pelo timão: o corpo transparente, meio azul esverdeado; as roupas,

dignas de um capitão, mas em farrapos; uma espada presa à cintura, cortada ao meio; um chapéu sem plumas e uma longa barba que tentava esconder os olhos lacrimejantes de um homem desesperado.

Não parecia ser assustador. Na verdade, Zin sentiu uma profunda empatia pela triste situação daquele pirata. Nadou em direção a ele e falou:

— Senhor? Senhor capitão? Com licença... — Disse o menino, meio sem jeito.

— O quê? Que voz é essa? Quem está aí? — Disse o capitão, aflito, com o olhar perdido no horizonte. Apesar de Zin estar bem diante dele, o pirata não conseguia vê-lo.

— Sou eu, capitão. Estou bem aqui, olhe! — Zin acenou com a mão, fazendo a água borbulhar na face do homem.

— Oh... Agora eu vejo... Um jovem ondím do coral... O que faz aqui, garoto? — Perguntou o fantasma.

— Meu nome é Zin. Sou aprendiz de mago. Estou aqui para ajudar.

— Me ajudar? Ó, que maravilha! Minha tripulação foi embora, estou sozinho, preciso de um marujo para navegar pelos mares. Você tem experiência com pirataria, menino? Sabe consertar um galeão?

— Lamento, senhor, não sou um pirata.

— Mas que pena... Me chame de capitão, por favor, me faria muito bem... Capitão Teo, a seu dispor. — Disse o pirata, fazendo uma firula com as mãos.

— Tudo bem, capitão. Mas não vim para ajudá-lo com o navio. Você precisa vir comigo.

— Ir para onde? Meu rapaz, minha vida é este navio... e minha Glória, minha doce Glória... pelos deuses do mar, como queria revê-la...

Zin se lembrou do outro conselho de Kipo: ouvir o coração do capitão era a única forma de ajudá-lo. E aquele homem parecia sofrer muito por uma dama chamada Glória.

— Quem é Glória, capitão?

— Ó, menino... Glória é minha rainha, minha deusa dos sete mares, a mulher mais linda que já conheci... Perdi tanto tempo na vida de pirata, buscando tesouros e rum, que deixei de viver minha maior aventura... Como queria rever minha doce Glória... Mas não, não mereço... Fui embora e a deixei... Como ela vai me perdoar?

— Bom, só tem um jeito de saber, capitão. Minha mãe me ensinou isso muito bem: que a única forma de conseguir o perdão de alguém, quando fazemos algo de errado, é pedindo desculpas. Você já tentou isso?

— Pedir desculpas, você diz... Não tive a chance, pois nunca mais a vi. E agora naufraguei neste mar, meus homens perderam a vida, como posso me perdoar por isso?

Zin teve uma ideia. Ali, no fundo do mar, a água e a escuridão só deixavam o capitão mais triste. Talvez se fossem até o recife, sentir a luz do sol e a leveza das águas rasas, talvez assim as coisas melhorassem.

— Venha comigo, capitão. Por favor. — Disse Zin, oferecendo a mão ao velho pirata.

Teo não sabia o que fazer. Não queria abandonar seu amado navio, mas já não agüentava mais tanta dor no coração. Aquele garoto parecia um anjo dos mares lhe oferecendo uma saída, então ele aceitou.

Sem perceber, Zin conseguiu tocar o espírito do capitão, exatamente como as ondinas fizeram com o mestre Kipo. Foi tudo muito natural e espontâneo: o menino pegou o pirata pela mão e começou a puxá-lo, nadando para cima. O fantasma era leve afinal, a única coisa pesada era sua tristeza, que começava a ficar para trás.

E assim eles subiram, lentamente, até o recife. Quando chegaram, Kipo e as ondinas esperavam ansiosamente por eles, na beira do abismo. Ali tudo era mais claro, as cores vivas do coral iluminavam a alma do velho pirata, de uma forma que ele não sentia há muito tempo.

— Ó, meus amigos, é muito bom estar aqui. Posso ver a luz do sol. — Disse Teo.

— Muito bem, Zin. Você conseguiu. — Elogiou o mestre.

— Não foi tão difícil. O Teo aqui só precisava de uma mãozinha para subir. — Disse o menino, com humildade.

— Muito bom, muito bom mesmo. — Prosseguiu Kipo. — Capitão, vai ficar contente em saber que sei onde estão seus amigos, sua tripulação e sua amada Glória.

— Você sabe? — Perguntou Teo, com o olhar cheio de esperança.

— Sim. Eles são seres de luz agora e seguiram um novo caminho. Neste momento, cada um deles vive no céu, entre as estrelas. Você deve fazer o mesmo, pois o fundo do mar é muito pesado para um ser luminoso. — Explicou Kipo.

Uma lágrima escorria dos olhos de Teo. Mas era uma lágrima de alívio, cheia de luz e esperança, acompanhada por um sorriso. O velho pirata

finalmente se despediu da sua vida nos mares e flutuou até a luz, com a leveza de um dente-de-leão.

As ondinas ficaram muito agradecidas a Zin, pois agora finalmente a alegria tomava conta do Reino do Coral mais uma vez. Tudo tinha voltado ao normal.

— Obrigada, Zin. Você é nosso herói! — Elas disseram em coro, enquanto nadavam ao redor dele brincando e cantando.

— Miau! Ora, ora, não sou mais o favorito? — Disse Kipo, com ciúmes da atenção que o pupilo recebia.

— Não ligue, mestre Kipo. Você sempre será nosso gatinho favorito... — Disse a rainha Cora.

— Ora, não sou um gatinho! Sou mestre Kipo, guardião dos reinos da magia!

De repente o velho mestre estava rabugento de novo. Zin e as ondinas deram risada, enquanto Kipo ficava seriamente contrariado. Mas quando Cora deu um beijinho em sua bochecha, ele se derreteu e

entregou sua maior fraqueza: como gostava de ser mimado por aquelas meninas!

O mestre e seu discípulo se despediram do Reino do Coral. Quando voltaram à cabana, na superfície do oceano, lá estava o corpo de Kipo em profunda meditação. O espírito do guardião retornou à sua aconchegante e peluda morada. Quando Kipo abriu os olhos, Zin soube que ele estava de volta ao mundo físico.

— Muito bem, menino. Tenho que desfazer o feitiço. — Disse o mestre.

Zin subiu na varanda da velha cabana. Kipo mexeu o cajado e disse as seguintes palavras:

— *Transmutare Undo!*

E num passe de mágica, Zin era humano novamente.

— Isso foi incrível. Obrigado, senhor Kipo.

— Você se saiu muito bem, Zin. Está de parabéns hoje. Você se conectou com as criaturas da água e conseguiu tocar um espírito de luz. Nada mal para nossa primeira aventura. — Elogiou o mestre.

O sol já deitava no horizonte do mar. A brisa da noite se anunciava. Kipo abriu o portal dentro da cabana e eles voltaram para o Reino de Etéria.

O Palácio dos Domadores de Fogo

Alguns dias se passaram desde a viagem ao Reino do Coral. O mestre Kipo notou satisfeito como a levitação de água do pequeno Zin estava quase perfeita. Expedições aos mundos mágicos sempre fortaleciam a magia de um aprendiz, especialmente do elemento dominante naquele mundo.

O próximo passo do treinamento seria a dominação do fogo. Essa etapa costumava ser difícil para os aprendizes, por ser uma transição da magia com água para o elemento oposto. Mas Kipo tinha um palpite sobre seu pupilo: o segredo da magia com fogo era a chama interior, algo que Zin parecia ter de sobra.

— Muito bem, garoto. Hoje vamos fazer algo diferente. — Anunciou o mestre.

— Vamos para um novo mundo? Qual vai ser agora? Que tal a Montanha dos Magos Ancestrais?

Ou o Lago da Magia Arcana? — Respondeu Zin, já ansioso pela próxima aventura.

— Como sabe esses nomes?

— Eu vi nos livros do Celestino. Ele estava me ensinando a ler outro dia.

— Então você está se interessando pelos livros, não é? — Disse o mestre, contente com a revelação do menino.

— Talvez... Cada livro tem um mundo inteiro lá dentro, isso é bem legal, sabe? — Admitiu Zin.

— Se eu sei? Garoto, você está falando com o grande Kipo, guardião dos reinos da magia! Conheço mais mundos do que todos esses velhos magos juntos.

— Sério mesmo, senhor Kipo?

— Kipo só fala sério.

— Quantos mundos você conhece?

— Ora, deixe-me ver... Já visitei todos os Reinos Elementais básicos: da água, do fogo, da terra e do ar. Conheço os Reinos Espelhados do Sol e da Lua. E também os sete Reinos da Luz. Já vivi

alguns anos nos Mundos Arcanos Superiores, e estes são tantos que você nem pode imaginar. Conte as estrelas do céu de Etéria e você terá uma noção dos mundos que conheci.

— Poxa vida! Quantos anos você tem, mestre?

— Kipo não revela sua idade. Mas saiba que já vivi mais de mil anos.

Por mais que estivesse se acostumando com magia, a ideia de alguém viver tanto tempo era inusitada para Zin. Especialmente o mestre Kipo que, não fosse por seu cajado e seus poderes mágicos, parecia um gato um pouco velhinho, simpático e inofensivo. É claro que seu espesso bigode branco e sua cauda lhe davam um toque misterioso.

— Ainda bem que o senhor pode levitar as coisas. Senão não conseguiria carregar nem um livro... — Comentou o garoto, enfatizando a idade avançada do mestre.

— Mais respeito moleque! — Esbravejou Kipo, dando uma paulada no pupilo com o cajado.

— Ai! Ai! Ai!

— Isso lhe doeu o bastante? Pois não sou nenhum idoso!

— Tudo bem, tudo bem! Me desculpe, mestre!

— Muito bem. Como eu dizia, hoje vamos fazer algo novo: está na hora de você aprender a dominação do fogo.

O mestre colocou uma vela sobre a mesinha, uma vela de cera dourada, que parecia um tanto especial, sobre um pequeno pires de cerâmica circular. Então, ele passou a lição:

— Você já fez levitar a água. Agora, quero que acenda essa vela.

— Acender a vela? Sem fósforo nem nada? — Perguntou Zin.

— Isso mesmo. — Disse Kipo.

— Deixa eu adivinhar... Vou fazer isso com o poder da mente?

— Está ficando esperto, garoto. Mas quando se trata de magia, não é só o poder da mente que interessa. Sempre tem um segundo fator.

— Como assim? — Zin estava confuso.

— O foco da mente é fundamental para toda magia, mas cada tipo de magia requer um segundo aspecto. Por exemplo, a levitação da água tem como base a respiração. Sem respirar da forma correta, é impossível dominar a água.

— E a do fogo?

— O fogo está sempre ligado a um processo de transformação. Ele tem a ver com a nossa chama interior.

— Chama interior?

— Isso mesmo. A chama interior é a luz da nossa alma, nossa energia vital, a centelha ou faísca que habita nossos corações. É aquilo que nos move, nosso propósito.

— Um propósito? Mas... Como vou saber qual é o meu? Não é ser um mago? Não foi isso que o

cristal falou? — Perguntou Zin, tentando acompanhar o pensamento do mestre.

— Ser um mago é apenas uma ocupação. Tem haver com talento, aptidão, é claro. Mas o seu propósito é algo mais profundo, algo ligado a um desejo por mudança, um sonho que existe dentro de você.

— Como assim um desejo por mudança?

— Olhe para o mundo. Veja como as coisas são. Agora imagine todas as outras possibilidades, como as coisas poderiam ser. O que você gostaria de mudar, transformar, criar nesse mundo?

Zin pensou por um momento, mas não sabia a resposta. Nunca ninguém tinha feito essa pergunta antes.

— Eu não sei, mestre. Acho que nunca pensei sobre isso.

— Então está na hora de começar a pensar. Esta é sua nova tarefa: encontre a mudança que você quer ver no mundo. Só assim poderá dominar a magia do fogo.

Zin pensou bastante, mas a tarefa que o mestre Kipo havia lhe passado não parecia nada fácil. Como poderia desejar mudança se gostava tanto do seu mundo, do jeitinho que era?

A vida em Etéria lhe trazia só bons sentimentos. Ele morava ali com sua mãe, na casa da colina, desde que conseguia se lembrar. Passava as manhãs brincando ou ajudando Zara na casa, e para o café havia sempre algo delicioso. Brincava com as crianças das casas vizinhas, de soltar pipa ou qualquer outra atividade ao ar livre. Adorava ficar no jardim. E mesmo que tivesse a escola, que certamente não era uma de suas coisas favoritas, ainda assim fazia parte da sua vida.

E aquela cidade, que flutuava nas nuvens, era encantadora. Nos dias de folga, gostava muito dos passeios que fazia com sua mãe, pelo mercado, pelas lojas e o bazar de brinquedos. Às vezes, iam até os campos de trigo só pela aventura. Os festivais

do reino, que aconteciam em datas festivas, eram sempre muito animados.

E agora, além de tudo, ele estava aprendendo magia com um mestre rabugento, mas muito querido. Estava conhecendo mundos maravilhosos guardados nos livros dos magos. Considerando tudo isso, Zin tinha uma vida segura e feliz em Etéria. Ele não queria mudar nada.

Kipo percebeu isso e entendeu que Zin precisava conhecer outras realidades, talvez algum lugar onde não fosse tudo tão bom e tranquilo. Para se conectar com seu desejo por mudança, o menino tinha que expandir seus horizontes.

— Já sei o que vou fazer, garoto. Vamos inverter um pouco as coisas dessa vez: primeiro, vou te levar até o Reino das Dunas, pois acho que lá você pode encontrar sua chama interior.

— Mas eu não consegui acender a vela, mestre... — Disse Zin, um pouco desapontado.

— Isso porque você está em paz, o que é bom. Mas confie em mim: uma viagem ao Reino das Dunas pode acender uma faísca dentro de você.

— Legal, então, quando nós vamos? — Perguntou o aprendiz, já empolgado com expectativa de conhecer um novo reino.

— Agora mesmo. — Disse Kipo. Ele fez um gesto com o cajado e logo veio flutuando no ar um grande livro do interior do castelo. Era um livro dourado como o sol e na capa tinha a figura das dunas de um deserto.

Mais uma vez, o mestre disse as palavras mágicas, uma luz emanou das páginas do livro e, num piscar de olhos, eles foram transportados para dentro daquele mundo.

Quando Zin abriu os olhos, estava no interior de uma tenda. O vento fazia oscilar o tecido branco da pequena habitação, que tinha vasos de cerâmica,

tapetes belíssimos e uma rede em seu interior. Ele saiu pela única abertura e, do lado de fora, encontrou um lugar de maravilhas: as dunas de um vasto deserto cercavam a região por todos os lados, e bem no centro havia um grande oásis, com palmeiras e tâmaras, flores e um lago de água cristalina.

Ao redor do lago, rente às porções verdes da vegetação, havia uma cidade. Tendas e barracas de comerciantes se espalhavam por todos os cantos, pequenas casas brancas, enfeitadas com tecidos coloridos, abrigavam a população. Caravanas chegavam e partiam daquele lugar, como se aquela cidade fosse um refúgio sereno para os viajantes. E ao fundo havia um palácio, de arquitetura misteriosa, com luzes e bandeiras majestosas.

— Este é o Reino das Dunas. Fique bem atento, as coisas por aqui mudam de uma hora para outra. — Disse Kipo, que estava bem ali, do lado de fora da tenda.

— As coisas mudam? Como assim? —
Perguntou Zin, confuso.

— Você vai ver. Venha comigo, só tome cuidado para não se perder.

E então Kipo começou a caminhar em direção à cidade. Zin o seguiu e logo entendeu do que o mestre estava falando: na medida em que atravessavam os caminhos de areia, entre o aglomerado de casas e tendas, o menino percebeu que, naquela cidade, tudo realmente mudava de forma o tempo todo, como se o lugar fosse pura magia viva.

Os tecidos de seda mudavam de cor num piscar de olhos. Num varal, onde havia vários deles pendurados, as cores se alternavam fazendo um espetáculo à parte, como se fosse um arco-íris em movimento. Os desenhos nos tapetes de um bazar mudavam de padrão o tempo todo. Os vasos de cerâmica mudavam de forma: os mais arredondados de repente se tornavam mais altos e finos, enquanto

os mais finos ganhavam volume, ficando mais encorpados.

— Deve ser difícil escolher algo para comprar aqui. Tudo muda o tempo todo. — Disse Zin.

— Isso mesmo, agora você está vendo: esta é a cidade da transformação. — Explicou Kipo.

Eles avançaram um pouco mais até chegarem a um jardim circular, com flores e uma estátua, na frente do palácio. É claro que a estátua não tinha sempre a mesma forma: hora era um elefante, hora um camelo, serpente ou águia.

— Poxa, isso é muito legal! Eu gostaria de morar num lugar assim. — Comentou Zin.

— Kipo também gosta muito. Mas nem todas as pessoas gostam de mudança. Há aqueles que preferem que nada mude, que tudo fique sempre igual.

A entrada do castelo era belíssima, com cascatas de água e seda, uma escadaria de mármore e uma enorme porta branca. Homens de coletes vermelhos e turbantes, armados com cimitarras,

guardavam a entrada. Quando Kipo se aproximou, eles o reconheceram e logo o saudaram:

— Mestre Kipo! É uma honra recebê-lo no Clã dos Domadores de Fogo. — Disse um deles.

— Mestre, seja bem-vindo. Pode entrar, a casa é sua. — Disse o outro.

E assim eles abriram a porta, com toda cortesia para os recém-chegados. Zin deduziu que aqueles dois domadores de fogo haviam sido aprendizes do mestre Kipo há muito tempo.

— Obrigado, rapazes. Vamos, Zin, está quase na hora do espetáculo. — Disse Kipo, adentrando o palácio.

O palácio dos domadores de fogo era tão vivo e encantador quanto a cidade do oásis. O piso de mármore branco era tão polido que refletia a imagem de todos que caminhavam pelos corredores e pelo grande salão. Mas como tudo ali sempre mudava de

forma, o tempo todo, as imagens pareciam ter vida própria, fazendo graça quando a pessoa estava séria e ficando séria quando a pessoa fazia graça.

No grande salão de festas acontecia um espetáculo: domadores de fogo faziam uma belíssima dança com as chamas, fazendo-as flutuar ao redor deles e por todo o palco, saltando e dando piruetas, e por fim desenhando formas com o fogo, como uma grande flor ou uma ave fênix.

O público saudou a apresentação com aplausos e um agitado lançar de chapéus para o alto. No fim, um dos artistas se adiantou e falou as seguintes palavras:

— Que a mudança esteja sempre viva no mundo! Não aceitais as pesadas correntes que nos prendem ao passado! Não vos rendeis ao fado da repetição eterna! Não lutais contra o fluxo natural da vida, que é e sempre foi mudança, transformação! Deixai o novo brotar e florescer!

E a multidão ficou agitada, apoiando cada palavra do arauto, enquanto Zin e mestre Kipo

presenciavam tudo aquilo. O jovem aprendiz começava a entender por que estavam ali: aquela cidade, mais viva e em movimento do que qualquer outra, aquele espetáculo no palácio e, como a cereja do bolo, o discurso inspirador — tudo isso provocava nele um sentimento peculiar, uma espécie de empolgação, uma certeza de que tudo era possível, de que o mundo tinha tantas possibilidades quanto fosse capaz de imaginar. Era como se ele descobrisse um poder interior, até então desconhecido, de tornar real qualquer sonho desenhado em sua mente.

Mestre Kipo percebeu o brilho nos olhos de Zin e disse:

— É isso mesmo, garoto. Você está se conectando com sua chama interior.

Zin apenas sorriu. Pelas janelas do palácio viu o sol se pôr atrás das dunas. Logo a noite veio cobrir o reino como um véu.

Um vento gelado veio com força do oeste, chegando à calorosa cidade do oásis sob a luz do luar. De repente, tudo estava frio e até uns flocos de neve começavam a cair. Um caminho de gelo se formou nas ruas da cidade e foi percorrendo os caminhos entrelaçados do mercado, sob os pés descalços do povo, fazendo todos correrem para dentro de suas casas.

O gelo correu por tudo até a estátua viva na frente do palácio: quando ela foi completamente congelada, perdendo a capacidade de alterar sua forma, todos ali perto gritaram em pânico:

— Domadores de gelo! Domadores de gelo! Eles estão vindo do oeste! Estão invadindo a cidade! Corram por suas vidas!

E todos se escondiam o mais rápido possível. O pequeno Zin e o mestre Kipo observaram tudo de um dos terraços do palácio. Os domadores de fogo correram para o lado de fora e cercaram a estátua, na tentativa de derreter o gelo com suas chamas.

Mas era tarde demais: uma batalha estava prestes a começar.

Então Kipo observou as dunas, a oeste, e percebeu que o reino estava sendo atacado:

— Zin, veja a linha do horizonte: são domadores de gelo, os eternos inimigos do clã do fogo. Eles querem tomar a cidade.

Zin olhou atento para onde o mestre apontava: agora já descendo pelas dunas, deslizando nos caminhos de gelo que eles mesmos criavam, lá estavam os magos do gelo, que mais pareciam guerreiros enfurecidos, vindo a toda velocidade em direção ao oásis. O líder deles gritava:

— Hoje daremos um fim à mudança! Não queremos uma vida incerta, sem saber o que esperar do futuro! Não queremos que nada se transforme! Abaixo à cidade do oásis! Abaixo os domadores de fogo, criadores do caos!

Em pouco tempo os dois clãs se encontraram, formando uma linha de fogo e gelo nas areias do deserto, e uma terrível guerra começou com suas

luzes enfurecidas cortando a escuridão da noite. Os magos do gelo imobilizavam seus adversários, transformando tudo o que tocavam com sua magia em estátuas azuladas. E as chamas dos domadores de fogo cortavam as paredes de gelo, criadas como barreiras de defesa. Homens caíam feridos, em ambos os lados, e partes da cidade eram destruídas.

— Isso tem que parar! Eles vão se matar, mestre! — Disse Zin.

— Sim. Pessoas enfurecidas perdem a razão. Temos que fazer algo a respeito, garoto. — Disse o mestre.

— Mas o que podemos fazer? Somos só nós dois para pôr fim a essa guerra... — Disse Zin, sem esperança.

— Acho que tenho uma ideia. — Disse Kipo. O mestre então pegou um tapete que estava dentro do palácio e, num passe de mágica, fez com que flutuasse.

— Vamos, Zin. Pode subir, é seguro. Temos transporte até o local da batalha.

Zin subiu no tapete. Ao comando de Kipo, eles decolaram do terraço e voaram pelo céu, atravessando a cidade por cima, até chegaram ao ponto do deserto onde a guerra acontecia. Era a primeira vez que Zin voava num tapete mágico, embora já tivesse visto vários deles em Etéria.

Quando chegaram, o tapete ficou suspenso no ar bem no meio dos dois clãs, mas nenhum ataque os acertava já que estavam bem no alto. O mestre Kipo deu um salto e flutuou no céu noturno com seu cajado, fez um movimento rápido com o artefato e disse as seguintes palavras, fazendo sua voz ecoar por todo o vale:

—*Tempus Suspensus!*

Ao dizer isso, Kipo mergulhou do céu para baixo, em direção à areia do deserto, com o cajado em riste e em alta velocidade. Quando ele tocou o solo, uma onda de energia foi emitida e se espalhou por todos os lados, indo muito além dos magos do gelo e dos domadores de fogo. E então, quando a

onda passou, todos estavam completamente imóveis:
o tempo havia parado!

O tempo havia parado para todos, menos para Kipo e Zin. Eles ainda podiam se mover, mas todo o resto estava estático. Era assustador aquela fotografia viva da guerra: os rostos enfurecidos dos magos, as rajadas de gelo e as labaredas de fogo, todas incompletas no ar, lançadas para ferir o outro lado.

O mestre Kipo surpreendia Zin a cada nova demonstração do seu poder mágico. Como uma criatura tão pequena era capaz de feitos tão incríveis? Zin entendeu que havia muita grandeza em seu mestre, muito mais do que ele imaginava.

— Agora é com você, garoto. — Disse o mestre, com tranquilidade.

— Comigo? Como assim, quer que eu resolva essa bagunça?? — Disse Zin, incrédulo.

— Veja bem, acabo de fazer um feitiço de nível arcano superior... Este velho guardião aqui precisa descansar... Você deve encontrar uma forma de acabar com a guerra.

Zin observou pensativo o ambiente ao seu redor. A imagem dos magos em combate e das explosões de magia por todos os lados não era muito animadora. Afinal, o que poderia fazer?

— Só pra constar, garoto, o feitiço não dura o dia todo... — Explicou o mestre.

— Quanto tempo temos?

— Alguns minutos, talvez. Pode ser uma hora, não sei. Depois, o tempo volta a correr. Está em suas mãos, garoto: vai deixar esses bons homens perderem a vida?

Zin não podia permitir isso. E o fato de Kipo acreditar nele, a ponto de deixar o futuro de dois povos em suas mãos, fortalecia sua autoconfiança. A cada instante, o medo de que o tempo acabasse e a guerra continuasse, o medo de ver aquelas pessoas

destruindo tudo e todos por ali, isso tudo encheu o coração de Zin de uma renovada força interior.

Ele se concentrou, dali mesmo do tapete mágico, e começou a fazer movimentos circulares com as mãos, flexionando os joelhos um pouco, numa espécie de preparação para lançar sua magia. Naquele momento, sentia um profundo desejo por mudança: queria mesmo pôr fim àquela guerra sem sentido. Então, sentiu uma faísca dentro de si, como se fosse a chama de uma vela, uma luz acesa na escuridão. Imaginou essa faísca percorrendo cada célula do seu corpo, exatamente como fazia com a dominação da água. Até que ele sentiu um fluxo de energia passando por seu coração, percorrendo seus braços até a palma de suas mãos, e então, no ar à sua frente se acendeu uma chama.

Era isso! Zin finalmente conseguia executar a dominação do fogo. Ele conduziu a chama pelo ar até uma porção do gelo que havia sido disparado por um dos magos. O fogo derreteu o gelo na mesma hora, formando uma porção de água suspensa no

ar. E assim ele fez inúmeras vezes, conduzindo sua chama por cada feitiço de gelo, até que todo o gelo derreteu.

Então, o pequeno aprendiz usou a dominação da água, que conhecia tão bem, para conduzir as esferas de água até as chamas dos dominadores de fogo, do outro lado da linha de batalha. Toda aquela água foi suficiente para apagar o fogo. No final, não havia mais gelo ou fogo em lugar algum, só restara um bando de magos enfurecidos, como estátuas que sequer perceberam o ocorrido, presas na parada do tempo.

— Muito bem, Zin. Você fez um ótimo trabalho. Agora, vamos dar um pequeno castigo a esses magos orgulhosos. — Disse Kipo, se preparando para lançar um novo encantamento.

Zin suspeitou que o mestre estava no controle da situação o tempo todo. Aquele velho gato rabugento não estava cansado coisa nenhuma! O que ele viu em seguida confirmou suas suspeitas:

— *Magic ad Somnum!* — Falou Kipo, e com um bater do cajado no solo, disparou uma segunda onda de magia. Por fim, o mestre terminou com as seguintes palavras, estalando os dedos: — *Tempus Fluere!*

No mesmo instante o tempo voltou ao normal. Todos os magos do fogo e do gelo, que pouco antes vibravam em fúria no calor da batalha, ficaram completamente desorientados. Não só os feitiços lançados haviam desaparecido no ar, como eles não conseguiam executar novos ataques. Todos eles haviam perdido a magia.

O silêncio tomou conta do deserto e as expressões de fúria nos rostos dos homens haviam cessado. Podia-se ouvir novamente o canto das cigarras e dos pássaros noturnos, vindos do oásis. As pessoas da cidade saíram de suas casas, tentando entender o que se passava. O mestre Kipo deu sua sentença:

— Meus caros magos do gelo e do fogo, muito me envergonha esse comportamento tolo de vocês.

Vejo aqui, inclusive, alguns dos meus pupilos do passado, e parece que não aprenderam nada do que ensinei. Por isso, com a ajuda do meu assistente, Zin, acabamos com essa guerra. Eu também removi a magia de vocês por um ano.

— Assistente? Sêrio? — Indagou Zin, um pouco contrariado com aquela nomeação. Kipo respondeu cochichando, para não ser ouvido por mais ninguém:

— Ora, ora, pois queria que eu dissesse a esses magos que você é um simples aprendiz? Eles não aceitariam isso, garoto, são muito orgulhosos.

Zin apenas sorriu. O mestre Kipo era muito sábio afinal. E muito respeitado: nenhum dos magos ali presentes ousou reclamar da punição, e cada clã seguiu seu caminho. A guerra havia realmente chegado ao fim e nunca mais algo assim ocorreu no Reino das Dunas.

Tudo estava calmo quando se despediram da cidade do oásis. Kipo foi caminhando pela areia sob a luz da lua, em direção à tenda por onde haviam chegado, com uma expressão serena no olhar. Nem parecia que ele tinha conjurado um feitiço de nível arcano superior.

Zin andava ao lado do mestre. O menino se sentia feliz, por finalmente ter conseguido dominar a magia do fogo. Mas entendeu, talvez como nunca antes, que ainda tinha muito a aprender e que seu conhecimento mágico não era quase nada comparado ao do guardião Kipo. De qualquer forma, sentia-se em paz por saber que tudo acabara bem, e que a mística cidade do oásis estaria segura de agora em diante.

— Quantos magos tinha lá, mestre? Você faz ideia? — Perguntou Zin, referindo-se aos magos que participaram do conflito.

— Talvez uma centena deles, garoto. Eu diria uns cinquenta de cada lado. — Respondeu Kipo.

Zin suspirou, pensativo ao ouvir a resposta do mestre. Ele ponderou por um momento e então falou:

— Poxa vida, senhor Kipo! Você parou o tempo e removeu a magia de uma centena de magos de uma vez... Você não é mesmo um gatinho, mestre. Você com certeza é o grande Kipo, guardião dos mundos da magia!

O mestre apenas coçou o bigode e, com naturalidade, respondeu:

— É o que eu vivo dizendo, garoto... É o que eu vivo dizendo...

Na tenda, Kipo abriu o portal. Em questão de segundos, eles estavam de volta ao campo em frente ao castelo de Etéria.

As Ruínas dos Antigos Druidas

Depois da aventura no Reino das Dunas, Kipo recomendou a Zin um período de descanso. O jovem aprendiz teve alguns dias de folga, então aproveitou para visitar sua mãe na cidade, comer bolinhos de maçã com canela e soltar pipa. Afinal, são as pequenas coisas que mantêm a magia viva. Zara ficou contente ao ver como o filho estava bem, fazendo progresso como mago, mas principalmente, feliz. No fim do dia isso era tudo o que importava. Se nosso coração não está no lugar certo, não estamos no lugar certo.

Quando Zin retornou ao castelo, Kipo lhe contou que ficaria fora por um tempo:

— Aonde você vai, senhor Kipo?

— Tenho uns assuntos a resolver, garoto. Na Montanha dos Magos Ancestrais.

— Não posso ir com você? Por favor, por favor!

— Pediu Zin, ansiosamente.

— Lamento, mas dessa vez Kipo viaja sozinho. E você tem o seu treinamento. O mago Celestino vai assumir as lições na minha ausência.

Zin ficou um pouco desapontado por não poder viajar com o mestre. Afinal, ele estava realmente gostando das aventuras com Kipo pelos mundos mágicos. Mas a ideia de ter aulas com Celestino não era nada mal, afinal, foi ele quem o convencera a escolher o caminho da magia. O velho mago também ficou feliz com a notícia de que poderia ensinar a Zin sua próxima lição. Na verdade, a dominação da terra era sua especialidade.

— Muito bem, Zin. Você já aprendeu a dominação da água e do fogo. E pelo que o mestre Kipo me contou, você está melhorando suas habilidades mágicas a cada dia. Agora, chegou a hora de aprender a dominação da terra. — Anunciou Celestino.

— Eu vou conseguir levitar uma pedra? —
Perguntou Zin.

— Oh sim... Não só uma pedra, mas todo objeto material inanimado. A magia com terra abre uma conexão profunda entre o mago que a executa e os elementos fundamentais da matéria.

— Não entendi... — Admitiu Zin.

— Quase tudo o que você vê no mundo veio da terra, de algum modo. As pedras, os tijolos e as telhas das casas, as plataformas que usamos como elevadores em Etéria, uma pipa e até mesmo um livro mágico. Todas essas coisas estão ligadas à terra.

— Então quando você faz a plataforma da sua torre subir e descer, usando magia, você está fazendo dominação de terra? — Perguntou Zin.

— Isso mesmo. E você vai aprender a fazer isso. Na verdade, vai aprender a levitação de qualquer objeto material. Até mesmo a arte de abrir portais entre os mundos, por meio dos livros mágicos, depende da dominação de terra.

Aquela informação deixou Zin realmente animado. Abrir seus próprios portais mágicos? Eis uma lição que ele queria aprender há muito tempo.

— Legal! E como eu faço isso?

— Vamos com calma, garoto. Primeiro, é preciso entender como a magia de terra funciona. Você já sabe que a dominação da água está ligada à respiração, ao autocontrole. A do fogo tem a ver com a chama interior, o desejo por transformação. Agora, a magia da terra tem uma profunda ligação com a memória. — Explicou Celestino.

— A memória? Como assim?

Celestino sabia que aquele era um conceito bem abstrato. Era melhor mostrar do que explicar. Zin precisava sentir na pele o significado da ligação entre a terra e a memória.

— Para entender isso, nós vamos ao Reino dos Druidas.

Celestino pegou da coleção em sua torre um livro verde, grande e pesado, com musgo crescendo na capa e páginas amareladas, desgastadas pelo tempo. Abriu o volume bem no meio, onde havia um marcador, disse as palavras mágicas e logo o portal para o Reino dos Druidas se abriu.

— A essa altura você já está acostumado com isso. — Disse o mago.

Atravessar portais de fato era cada vez mais comum para Zin, mas sempre havia um frio na barriga, uma expectativa pela viagem e pela emoção de acordar em outro mundo. Rapidamente, os dois foram envolvidos pela luz e desapareceram livro adentro.

Quando abriu os olhos, Zin percebeu que estava em um gazebo antigo, branco e circular, no meio de uma floresta. E não era uma floresta qualquer: suas árvores eram gigantescas, todas com idade milenar e raízes que se estendiam por quilômetros, por vezes saindo para fora da terra. No solo, a relva se alternava com porções de piso

ladrilhado coberto de musgo. E em alguns lugares, havia ruínas de antigas torres, escadas ou passagens para o subsolo, o que pareciam ser os restos de uma civilização do passado.

— É aqui que vivem os druidas? — Perguntou Zin.

— Viviam, há muito tempo. Hoje em dia não há mais ninguém por aqui. — Explicou Celestino.

— Esse lugar é completamente vazio?

— O fato de não haver ninguém não quer dizer que esteja vazio. Esse lugar ainda tem muita magia e guarda todas as memórias do mundo. — Explicou o mago.

— Como isso é possível? — Zin estava realmente confuso. Ainda que no mundo da magia coisas extraordinárias pudessem acontecer, era difícil imaginar como as memórias de cada pessoa poderiam ir parar ali.

— Bom, eu não sei como acontece. Só sei que acontece.

— Achei que os magos sabiam de tudo. —
Comentou Zin, um pouco decepcionado. Celestino deu uma boa risada, que ecoou pela floresta, e respondeu:

— Ora, ora! Eu também achava isso quando comecei a estudar magia. Mas sabe, garoto, não saber de tudo torna o mundo mais bonito. Algumas das coisas mais belas que existem são aquelas que menos entendemos.

Zin pensou que Celestino tinha razão. Ele gostava muito dos bolinhos de maçã com canela de sua mãe, mas não sabia como eram feitos. E não precisava saber, bastava apreciar o seu sabor e o conforto que lhe traziam. Algo parecido acontecia com a magia.

— O importante é entender a conexão entre as memórias e a terra. Todas as memórias criadas no mundo, de alguma forma, fluem para este lugar. É como se a floresta chamasse por elas.

— E onde as memórias ficam, exatamente?
Pra onde elas vão?

— As memórias são pura energia. Elas chegam até aqui e são absorvidas pelas árvores. Não se sabe ao certo, mas alguns magos acreditam que elas correm na seiva das árvores, descem até as raízes e são guardadas, como um tesouro, dentro da terra. É mais fácil sentir do que explicar. Você pode tocar uma dessas raízes e se concentrar. Vai entender do que estou falando.

Então Zin fez como Celestino sugeriu. Ele se aproximou de uma das grandes raízes e a tocou com as mãos. Fechou os olhos e se concentrou. Sem perceber, de forma muito espontânea, veio à sua mente algumas de suas próprias memórias: quando ele ainda era um bebê e começou a engatinhar pelo jardim; a primeira vez que foi à confeitaria onde sua mãe trabalha; o primeiro dia na escola; momentos no grande parque de Etéria, onde brincava de soltar pipa com as crianças da vizinhança; e tantas outras memórias.

Mas então algo inesperado aconteceu: tudo ficou escuro de repente, Zin sentiu a terra se

desmanchar sob seus pés e caiu numa espécie de poço profundo. Ele caiu, caiu e caiu, aquele poço parecia não ter fim. Foi descendo com velocidade, passando pelo subsolo das ruínas dos druidas, acompanhando as raízes das árvores cada vez mais fundo. Até que chegou ao fundo mesmo, onde havia uma relva macia e, para sua surpresa, flutuou e pousou com suavidade no solo.

Ali em baixo havia luz, de algum lugar vinha uma fraca luz do sol. Na verdade, Zin percebeu que estava numa outra parte da floresta: havia relva e árvores, por todos os lados, e podia ver o céu do entardecer além das copas, o que era estranho, pois tinha caído uma boa distância e deveria estar em baixo da terra. Aquele lugar, no entanto, parecia um pouco triste e solitário.

Foi então que Zin percebeu que estava dentro de uma lembrança, mas não era sua: era uma lembrança do mestre Kipo, que estava bem ali, brincando num campo de flores, bem mais novo que

sua versão atual. Naquela memória, o guardião Kipo ainda era uma criança.

Zin tentou se aproximar, mas descobriu que não podia ser visto. No mundo das memórias, um visitante era como um fantasma que não era visto, ouvido ou tocado. Ele apenas seguiu o jovem Kipo, para entender o que estava acontecendo.

O pequeno Kipo corria e brincava na floresta. Naquele momento, ele estava perseguindo uma borboleta amarela e deixou que ela pousasse no pelo branco e macio de seu braço. Ele então assoprou com delicadeza e ela voou.

Mais adiante, a floresta dava espaço a um campo aberto, onde havia um caminho de terra que atravessava um campo de girassóis. Algumas montanhas ao fundo completavam a paisagem, tocadas pela luz do entardecer. Kipo correu pela estrada em direção a uma pequena cabana.

Zin o seguiu. Mesmo sabendo que não podia ser visto, pois tudo aquilo não estava realmente acontecendo no presente, ele mantinha certa distância. Mas se aproximou o bastante para ouvir a conversa que aconteceu em seguida.

O pequeno Kipo corria em volta da cabana e dizia:

— Papai! Mamãe! Esse lugar é muito bonito! É a melhor viagem que já fizemos juntos!

Então o pai e a mãe de Kipo saíram da cabana e Zin pôde observá-los: eram dois anciões da espécie de Kipo, muito parecidos com ele na verdade. O pai tinha um bigode que se estendia quase até o chão, parecia quase uma longa barba, mas não escondia suas feições que lembravam muito as de um gato. A mãe parecia mais jovem, mas ainda assim podia-se ver suas rugas à sombra de um lindo chapéu amarelo.

— Querido Kipo, venha aqui, por favor. Precisamos conversar, filho. — Disse o pai, sério.

— Meu filho, temos algo importante a dizer. —
Completo a mãe.

Kipo se acalmou e se sentou num pequeno banco de madeira que havia em frente à cabana. Tudo indicava que a família estava ali numa viagem ou numa espécie de retiro espiritual.

— Meu filho, fico feliz que tenha gostado desse lugar. Eu e sua mãe crescemos nesses campos. Na verdade, nos conhecemos aqui. Por isso é um lugar tão especial para nós. — Disse o pai.

— Sim, isso tudo foi há muito tempo, mas eu lembro como se fosse ontem. — Disse a mãe, com um olhar doce e amoroso para seu companheiro de vida. Kipo apenas ouvia atentamente ao relato dos pais.

— Essas montanhas que vê ao norte têm um nome: elas são as Montanhas dos Magos Ancestrais. Foi aqui que eu e sua mãe aprendemos tudo o que sabemos sobre magia. E é nesse lugar que você vai aprender também. — Disse o pai, com certo tom de tristeza em sua fala.

Kipo percebeu que o assunto era sério e que seus pais estavam apreensivos com aquela conversa. Na verdade eles estavam tristes e, ao mesmo tempo, em paz. Kipo não conseguia entender bem o que estava acontecendo.

— Eu vou aprender magia? — Ele perguntou.

— Oh sim, filho. Nossa família vem de uma linhagem de Guardiões da Magia. Você será um grande guardião um dia. — Explicou a mãe.

— Poxa, isso é muito bom! Sempre quis usar magia como vocês!

— Então você nos prometa, filho, não importa o que aconteça, que será dedicado ao estudo da magia e vai usá-la sempre para o bem, para proteger toda forma de vida. E um dia você vai ficar velho e vai ensinar tudo o que sabe a muitos e muitos aprendizes, do reino dos guardiões e dos reinos humanos também, e que plantará seu conhecimento como sementes de trigo, para cultivar e multiplicar a magia por todos os cantos do mundo. — Foram as palavras mais solenes que seu pai lhe disse.

— Eu prometo, pai. Eu prometo, mãe. — Disse Kipo, levando aquilo tudo muito a sério.

E então, algo triste e bonito aconteceu. Kipo ainda não sabia, mas aquele era um momento de despedida. Primeiro, seu pai falou:

— Meu filho, agora temos algo difícil para te contar. Como sabe, os guardiões como nós vivem por muito tempo, muito mais do que os seres humanos e a maioria dos animais. Temos a honra de viver por séculos neste mundo. Mas para todos chega o tempo de fazer a grande passagem.

— A grande passagem? — Perguntou Kipo, sem entender.

— Isso mesmo: a grande passagem para o Berço das Estrelas, um lugar que é a verdadeira fonte de toda a magia do universo e de todos os mundos que conhecemos.

— Vocês vão se mudar pra esse lugar?

— Sim, meu filho. Eu e sua mãe vamos fazer uma grande mudança. De agora em diante, nossa casa será no Berço das Estrelas. Mas devo lhe dizer,

com certa dor no coração e também certa medida de paz, que você não pode ir conosco. Tenho dor no coração, pois vou sentir saudades, filho. Mas estou em paz por saber que você ficará muito bem na Montanha dos Magos Ancestrais, e que as fadas e os druidas cuidarão de você e te ensinarão tudo o que não tivemos tempo de ensinar.

Kipo começou a lacrimejar ao ouvir aquelas palavras:

— O quê? Vocês vão embora e eu vou ficar aqui? Mas não quero que vão... Queria ficar com vocês... — Disse o pequeno. A espécie dos guardiões sentia profundamente cada tristeza ou alegria da vida, mas não demonstrava com tanta intensidade quanto os seres humanos. Por fora, Kipo estava apenas lacrimejando, mas por dentro ele sentia uma profunda tristeza e desorientação. Então, foi a vez de sua mãe falar:

— Nós também não queríamos que fosse assim, meu filho. Chegou o nosso tempo de fazer a passagem, mas o seu ainda não. Você tem muito o

que aprender neste mundo e nos vários reinos da magia que vai conhecer. Sentiremos saudades, tanto quanto você, mas saiba que a separação é apenas temporária. Um dia, vai nos encontrar no Berço das Estrelas e encherá nossos corações de alegria novamente, com sua doce presença. Até lá, saiba que estaremos com você, pois nossa magia é tão forte que é capaz de atravessar anos-luz de distância, desse vasto universo, para te guiar e te orientar ao longo da sua jornada.

Então Kipo deu um forte abraço em sua mãe e em seu pai. O pôr do sol estava magnífico atrás das montanhas. Uma faixa de luz dourada vinha do céu e iluminava todo o campo de girassóis. Pétalas de flores vieram flutuando e envolveram os dois anciões numa aura de luz. Eles disseram, em coro, suas últimas palavras:

— Um dia, estaremos juntos novamente. Até lá, deixe a alegria guiar o seu espírito.

E assim eles partiram, como seres de luz, para o Berço das Estrelas. No começo, Kipo ficou quieto

ali, sentado no banco de madeira em frente à cabana, olhando para o campo de girassóis e sentindo tristeza e saudade. Não se sabe ao certo por quanto tempo ele esperou, até que se levantou e começou a caminhar.

Zin observava tudo de uma pequena distância, mas já não estava mais preocupado em se esconder. Ele estava apenas comovido ao entender do que se tratava aquela memória: uma lembrança delicada e da mais alta importância para seu mestre. Quando Kipo se pôs a caminhar, ele o seguiu novamente.

Dessa vez Kipo seguia pela estrada quieto, com um semblante triste. A borboleta amarela veio lhe fazer companhia e, de alguma forma, conseguiu trazer um pouco de paz ao seu coração. Ele seguiu em direção à montanha e lá encontrou uma fada:

— Olá, garoto. Está perdido? — Perguntou a fada.

— Acho que sim... — Respondeu Kipo, sem saber ao certo o que dizer. — Acho que eu devo ir

pra esse lugar que meus pais falaram, que fica na montanha.

— Entendo. — Disse a fada. — Já sei exatamente o que fazer com você.

E então a fada começou a cantar. Não era uma canção alegre, mas um canto bonito e calmo, quase sagrado. Várias fadas apareceram ao pé da montanha e assopraram pó mágico sobre o pequeno Kipo. Ele então começou a se sentir mais leve e a flutuar. Elas o conduziram montanha acima, puxando com delicadeza seus pequenos braços peludos, até que pousaram em frente a um templo no alto da montanha.

Zin ainda estava acompanhando aquela memória e, quando se deu conta, algumas das fadas o levaram para cima também.

No topo, um velho mago saiu do templo e veio receber o jovem Kipo. Aquele mago vestia uma longa túnica azul escura, com estrelas e uma lua prateada na estampa, e um chapéu azul pontudo. Ele era alto e sua barba branca descia até quase tocar o chão, e

seus cabelos brancos já eram quase inexistentes. Seus olhos eram do mesmo azul escuro e pareciam carregar a sabedoria de muitas vidas.

— Seja bem-vindo à montanha, Kipo. Eu sou Merlin e serei o seu mestre.

Naquele instante, uma neblina passou pela montanha e logo Zin não enxergava mais nada. Depois, tudo ficou escuro e, quando ele acordou, estava de volta à floresta, entre as árvores milenares, ao lado do mago Celestino.

— Garoto, você está bem? — Perguntava Celestino enquanto Zin recuperava a consciência.

— O que aconteceu?

— Ora, você tocou nessa raiz e logo depois desmaiou. Nunca vi algo assim acontecer. Você não se lembra de nada?

— Na verdade, lembro de tudo: eu vi uma memória. — Explicou Zin.

— Ora, isso é muito bom. Foi pra isso que viemos aqui, pra você se conectar com as memórias que correm nos veios da terra. Como foi a experiência?

— Bom, era uma lembrança do mestre Kipo.

— Do mestre Kipo, você diz? — Celestino ficou surpreso, pois não era nada comum que alguém pudesse acessar as memórias de outra pessoa. Na verdade, ele nunca tinha visto algo assim acontecer.

— O que significa? — Perguntou Zin.

— Eu acho que você tem uma ligação muito especial com o mestre Kipo afinal. Não sei como ou por que conseguiu ver uma lembrança dele. Mas o que quer que tenha visto, guarde para você, não conte a ninguém. Deve haver um propósito para tudo isso e só o tempo te ajudará a entender as coisas.

— Tudo bem... — Concordou Zin, com tristeza ao recordar cada detalhe daquela memória. Celestino percebeu que Zin estava preocupado com Kipo.

— Não se esqueça de uma coisa, garoto: o que você viu hoje, quando tocou nessa raiz, aconteceu há muito tempo. O mestre Kipo está muito bem hoje em dia, ranzinza e mandão como sempre. No fundo ele ama treinar os jovens magos. Na verdade, é o maior guardião que eu já conheci.

— Eu sei... Ele é incrível mesmo. E teve aulas de magia com o mago Merlin, consegue imaginar? — Disse Zin, revelando sem querer um detalhe do passado de seu mestre.

— O mago Merlin? — Indagou Celestino, com os olhos abertos e uma expressão incrédula no olhar.

— Oh, sim, o mago Merlin ensinou tudo ao mestre Kipo na Montanha dos Magos Ancestrais... Aquele lugar é incrível, por sinal, vou querer conhecer um dia. — Disse Zin, com naturalidade, enquanto caminhava pela floresta.

— Espere aí... Conte-me tudo sobre isso, garoto. — Pediu Celestino, tentando acompanhá-lo.

— Não, não, eu devo guardar tudo pra mim.
Só o tempo vai me ajudar a entender essas coisas...

— Podemos abrir uma exceção, sabe...

— Essa memória pertence ao mestre Kipo. Não posso te contar tudo assim. Eu tenho uma ligação especial com ele, sabe, por isso consegui ver... Você ainda tem que aprender muito sobre as memórias, Celestino...

E assim os dois seguiram caminhando pela floresta, o pequeno Zin fazendo provocações, com seu jeito moleque, enquanto o mago Celestino tentava descobrir alguma coisa a mais sobre Merlin, o maior mago de todos os tempos.

Depois de um tempo eles voltaram a Etéria. Zin ainda não conseguia fazer a levitação da terra. Apesar de ter uma forte conexão com o reino das memórias, ele estava aprendendo a usar essa conexão para fazer os objetos levitarem.

— O segredo é acessar a memória de todas as coisas. — Explicou Celestino.

— A memória das coisas, como assim?

— Não só as pessoas têm uma história. Cada objeto que você vê no mundo também tem. Se conseguir se concentrar e acessar a memória das coisas, vai aprender a arte da levitação.

— E como eu faço isso?

Celestino vinha pensando numa forma de ajudar Zin com aquela tarefa. Ele pegou emprestado um dos chapéus de Zara, que poderia despertar no garoto algumas de suas memórias pessoais.

— Você reconhece o chapéu, garoto?

— Sim, é o chapéu da minha mãe!

— Isso mesmo. Ela nos emprestou para a lição de hoje. Se concentre no chapéu e nas memórias que você tem ligadas a ele. Assim vai conseguir se conectar à essência do chapéu.

Zin seguiu o conselho de Celestino. Ele se concentrou e uma importante lembrança veio à sua mente: os dias de verão com sua mãe, no jardim de

casa, quando ela usava o chapéu de palha para se proteger do sol e eles brincavam com a água da mangueira. De repente, Zin sentiu uma conexão com a essência do chapéu. Ele não soube explicar exatamente o que era, mas de alguma forma conseguiu enviar ou pouco da sua energia vital para o objeto. Então, o chapéu de palha começou a flutuar.

— Muito bem, garoto, excelente! — Elogiou Celestino.

Zin tinha finalmente aprendido a dominação mágica do elemento terra. Ele fez com que o chapéu flutuasse para perto de si e o apanhou no ar. Ao final, agradeceu ao velho mago:

— Obrigado, Celestino. Eu não conseguiria sem você.

— Fico feliz em ter ajudado, garoto. Quero que treine a levitação por alguns dias e também descanse. Logo o mestre Kipo estará de volta.

O Templo do Sol e da Lua

Zin passou dias pensando naquela memória do seu mestre. Quando contou que iria se afastar por um tempo, Kipo havia mencionado que tinha assuntos pessoais a resolver na Montanha dos Magos Ancestrais, o mesmo lugar onde havia sido deixado quando criança.

Isso tudo fez com que Zin pensasse que, talvez, em algumas épocas do ano, Kipo voltasse à montanha para relembrar seus tempos de infância. Ele devia sentir falta da família e guardava essa tristeza para si, sem deixar que ninguém soubesse.

Os dias se passaram e nada de Kipo retornar. Todos começaram a ficar preocupados. Celestino acompanhava o treinamento de Zin na ausência do mestre ancião, mas andava sempre inquieto de um lado para o outro.

— Por que será que o mestre Kipo está demorando tanto? Achei que ele tinha saído para uma viagem rápida. — Ponderou Zin.

— Eu não sei... Acho que ele já devia estar de volta... O velho Kipo nunca sumiu assim... — Comentou Celestino, pensativo.

— Será que ele precisa de ajuda? — Disse Zin, mas naquele instante a conversa foi interrompida por um pergaminho mágico, que veio flutuando de dentro do castelo até o campo de dentes-de-leão.

Celestino apanhou o pergaminho no ar e o abriu. Enquanto passava os olhos na mensagem, sem dizer uma palavra, Zin percebeu que o velho mago estava bem aflito.

— O que é isso?

— É uma mensagem do rei, convocando todos os magos de Etéria para uma reunião no castelo. Acho que você tem razão, Zin: tem alguma coisa errada acontecendo e mestre Kipo deve precisar da nossa ajuda. Vamos, não temos tempo a perder.

— Eu também?

— Ora, mas é claro. Você é um mago de Etéria, não é? Um aprendiz, é verdade, mas ainda assim um mago. Você deve se juntar a nós.

E foi assim que o jovem aprendiz foi convocado para o seu primeiro Conselho de Magos. Mas Zin estava preocupado demais para celebrar o fato. Aquilo tudo parecia muito estranho e repentino. E só de pensar que algo ruim poderia ter acontecido ao mestre Kipo, seu coração já palpitava em tristeza. Ele tinha muito apreço por aquele velho gato rabugento.

O Conselho de Magos estava reunido. Zin ainda não era oficialmente um membro do Conselho, mas já era considerado um mago aprendiz e tinha o direito de ouvir e opinar, embora não pudesse votar. Pela primeira vez, ele viu todos os vinte e quatro magos e magas do reino, reunidos no grande salão do castelo: eram doze homens (contando com

Melchior e Celestino) e doze mulheres no total. Zin ficou sabendo que os magos homens treinavam os aprendizes meninos, enquanto as magas mulheres treinavam as meninas.

Quando todos já estavam ali, formando um grande círculo ao redor do salão, Melchior foi ao centro e começou a falar:

— Senhoras e senhores do reino, eu os convoquei aqui hoje por uma questão da mais alta urgência: nosso querido Kipo, guardião dos reinos da magia, está desaparecido.

Um burburinho tomou conta do salão e todos ficaram agitados. Claramente tal notícia era incomum e muito preocupante.

— Como assim, desaparecido? O velho Kipo é mais poderoso que cada um de nós, ele sabe se cuidar. Algo assim não aconteceria com ele! — Quem se pronunciava era um mago de túnica vermelha, chamado Tom Faísca.

— É isso mesmo! O senhor Kipo deve estar tirando umas férias. Ele deve estar com as ondinas

no Reino do Coral e bloqueou a passagem com algum feitiço que ninguém conhece. — Disse a maga Elinor, muito respeitada na comunidade, com sua voz doce e uma linda túnica azul bordada com seda dourada.

— Pois eu também pensava assim, meus caros. Mas tenho evidências de que Zin de fato desapareceu, o que significa que ele só pode estar perdido ou preso em algum dos reinos mágicos. — Disse o rei.

— E como você sabe? — Contestou o conselho, em coro.

— O Cristal da Passagem se manifestou. Através dele, pude ver Kipo sozinho, com o olhar perdido, envolto por uma névoa sombria.

Um novo burburinho tomou conta do salão. Todos pareciam entender o significado daquela visão, menos Zin.

— O que isso quer dizer? — O menino perguntou a Celestino.

— Não é nada bom, garoto. Significa que o mestre Kipo está preso no Templo do Sol e da Lua. Não é qualquer mago que consegue chegar até lá. Geralmente, só os guardiões da magia podem entrar.

— Guardiões como o mestre Kipo?

— Exatamente.

— E não tem nenhum outro que possa ajudar?

— Não sabemos de ninguém, não por esses lados do universo.

Zin compreendeu a gravidade da situação: o mestre Kipo estava preso em um lugar onde só ele poderia entrar. Nenhum dos vinte e quatro magos e magas do Conselho tinha poder para resgatá-lo. Ao perceber isso, Zin ficou tão aflito quanto os demais ali presentes.

Quando a agitação passou e todos já tinham expressado sua angústia e pesar pela situação do mestre, Melchior prosseguiu:

— Meus caros, temos de fato uma situação desoladora. Mas talvez haja uma pequena esperança. Eu me lembro até hoje de uma antiga

lição do senhor Kipo, quando ele me ensinava sobre os perigos do Templo do Sol e da Lua: aquele é um lugar profundamente espiritual, onde tudo o que se vê é o resultado das nossas emoções. Pois bem, passei as últimas horas pesquisando em meus livros e descobri o seguinte: o portal que leva àquele mundo também é regido pelas emoções.

— Aonde quer chegar, Melchior? — Perguntou Tom Faísca, impaciente como sempre.

— Eu acho que o portal para o Templo não se abre apenas com magia. É preciso ter a emoção certa. Só alguém dotado de uma forte ligação emocional com o mestre Kipo poderá passar.

Ao dizer aquelas palavras, o rei fez levitar para dentro do salão um grande livro mágico, um com a capa toda preta e figuras do sol e da lua bordadas com lã prateada luminosa. O livro era o maior de todos que Zin já tinha visto e foi colocado no centro do recinto, sobre uma mesa circular. Certamente era a chave para o portal do Templo.

— E você tem essa pessoa em mente? —
Perguntou Elinor.

— Infelizmente, não. Eu gostaria que vocês me ajudassem com isso. — Explicou o rei.

— Ora, todos nós temos uma ligação com o guardião Kipo! Afinal, aquele velho rabugento foi um mestre para cada mago deste Conselho, em algum momento de nossas vidas. — Disse Tom Faísca.

— É verdade, meu caro Tom. Mas creio que isso não basta. Precisamos de um elo mais forte, alguém com quem o mestre Kipo tenha compartilhado algo precioso. Alguma coisa especial, um segredo ou uma memória. O Templo é um lugar espiritual e não há nada mais espiritual do que a infância. É isso! Uma memória da infância do velho Kipo! Isso deve servir.

Todos ficaram em silêncio. Ninguém ali parecia ter aquele tipo de ligação com Kipo. Afinal, ele costumava ser um livro fechado, não era de falar muito da própria vida.

— Isso vai ser difícil. O velho Kipo tem mais de mil anos e o mais velho de nós não passa de uma centena. Ninguém aqui o conheceu na infância. E ele não falava muito. — Disse Tom, já sem a sua típica faísca de energia. Um desânimo tomou conta do salão.

Mas às vezes, nessa vida, a solução para os nossos problemas pode vir de onde menos esperamos. Foi o que aconteceu naquele dia no Conselho de Magos. Ninguém esperava que o pequeno Zin, ainda um aprendiz, pudesse ser a chave para salvar Kipo:

— Eu vi uma lembrança do mestre, lá nas ruínas dos druidas. Uma de quando ele era criança. — Disse Zin. Sua voz ecoou pelo salão, que estava silencioso.

De repente, todos voltaram a atenção para o menino. Melchior ficou surpreso, pois não sabia de tal acontecimento.

— Isso é muito bom, garoto. Talvez você tenha uma chance. — Disse o rei, convidando o menino para se juntar a ele no centro do salão.

Zin caminhou até o centro, tímido, pois não estava acostumado a receber toda aquela atenção.

— Não foi o mestre Kipo quem me contou. Eu estava tocando a raiz de uma árvore milenar, quando fui levado para dentro da memória. Não posso contar o que vi. Mas ele estava lá, ainda um menino, e acho que foi um dos dias mais importantes da sua vida.

Naquele momento, ninguém mais duvidou: Zin era a única chance de salvar Kipo. Todos os magos ali presentes sabiam da força e do significado das memórias nas ruínas dos druidas.

— Você aceita essa missão, meu jovem? Aventurar-se pelo reino mágico do Templo, um lugar onde nenhum de nós jamais esteve, para resgatar o guardião Kipo? — Perguntou o rei.

— Aceito. — Não havia outra resposta possível para Zin. Se o mestre Kipo estava perdido, ele queria muito poder ajudar.

O que aconteceu em seguida foi algo raro e bonito de se ver, como um eclipse ou uma estrela cadente. Os magos e magas de Etéria fizeram um grande círculo e ergueram suas mãos com as palmas para cima. No centro estava Zin, Melchior e o livro do Sol e da Lua. O rei abriu o livro e começou a ler as runas mágicas. Nesse instante, um turbilhão de vento e sombra saiu do artefato, envolvendo todos no recinto.

— Agora, Zin. Concentre-se no mestre Kipo. Pense nele com sua alma e seu coração. — Disse o rei.

Por um momento, Zin achou que não fosse conseguir. Mas quando viu que uma luz dourada emanava das mãos de cada mago ali presente, formando um grande círculo de luz que envolvia toda aquela escuridão, ele sentiu a força e a coragem necessárias para tal feito. O menino fechou os olhos,

se concentrou apenas na luz e na imagem do mestre Kipo. Com suas duas mãos tocou o livro e, ao fazê-lo, foi imediatamente transportado para dentro daquele mundo.

Para quem ficou no salão do castelo, o menino simplesmente desapareceu e a escuridão cessou na mesma hora.

— Ele conseguiu? — Perguntou Tom, com uma nova faísca de esperança.

— Conseguiu! — Respondeu o rei.

Quando Zin abriu os olhos, estava em um mundo escuro: era noite e as nuvens cinzentas cobriam a luz da lua. Havia apenas alguns pontos luminosos no céu, de estrelas distantes, que ajudavam a enxergar um pouco naquele breu: à sua frente havia a silhueta de um templo entre as montanhas.

O som de pesados trovões reverberava no vale, anunciando o começo de uma tempestade. Zin sentiu que precisava se apressar. Uma ponte de madeira conectava a colina onde estava e a entrada do templo. Ele começou a travessia, mas percebeu que metade da ponte estava destruída.

Seria impossível saltar aquela distância e com certeza era arriscado se pendurar nas toras de bambu que fixavam as laterais ao outro lado. Para piorar a situação, começou a chover e tudo ficou úmido e escorregadio.

Zin não sabia o que fazer, mas precisava chegar até o templo. Embora não enxergasse nada muito bem, ele sentia a presença do mestre naquele lugar.

O que o senhor Kipo faria naquela situação? Como poderia atravessar a ponte? Então, o menino se lembrou das lições de magia, especialmente das primeiras lições de levitação da água. Ora, havia muita água da chuva ao seu redor, estava aí a solução.

Zin fechou os olhos e se concentrou na magia da água. Ele dominou uma boa quantia de gotas, fazendo elas se unirem no ar e formarem uma grande esfera d'água. Então modelou a esfera como um artesão, como um artista que esculpe formas na argila: fez daquela massa líquida uma ponte d'água, e imaginou que aquela ponte seria tão sólida quanto o bambu. Quando abriu os olhos, ficou surpreso com o resultado: tinha conseguido congelar a água para fazer uma ponte de gelo.

Ele atravessou a ponte, com cuidado para não escorregar no gelo, e finalmente alcançou a entrada do templo. Passou por um jardim e subiu uma escada de pedras, até chegar à torre principal. Atravessou a porta e se deparou com um salão completamente escuro.

Havia ali uma única vela acesa, perto da entrada, por isso ele só via um pequeno círculo de luz. O som da chuva ecoava do lado de fora, de modo que não podia escutar nenhum ruído que houvesse no recinto.

Então ele teve uma ideia. Usou a levitação do fogo para suspender a chama daquela vela no ar. Ao fazer isso, conduziu a chama por uma trajetória circular pelo salão, e qual não foi sua surpresa ao notar ali dezenas de tochas ao redor da área central. Ele fez com que a pequena chama acendesse cada uma daquelas tochas, clareando o ambiente escuro e revelando uma plataforma no centro.

A plataforma era de pedra de jade, perfeitamente circular, com a figura de uma grande árvore desenhada. Quando Zin pisou sobre ela, sentiu uma energia muito viva, tão viva quanto aquela que sentiu ao tocar a árvore milenar nas ruínas dos druidas. Aquela peça estava ligada a muitas memórias, e uma delas era do mestre Kipo com certeza: ele havia estado ali.

Zin se lembrou que as memórias estavam sempre ligadas ao elemento terra. Ele seguiu sua intuição e começou a usar a levitação de terra. Então, a plataforma começou a subir suspensa no ar, como as do Reino de Etéria.

Ele subiu lentamente, até chegar a uma saída no topo do salão, que dava para os telhados do templo. Do lado de fora, a tempestade estava forte ainda. O vento estava gelado e Zin sentiu uma tristeza em seu coração. Mas não podia desistir.

Ele caminhou com cuidado sobre as telhas e percebeu que, mais ao fundo, havia uma enorme sombra envolvendo uma estrutura oculta do templo. Aquela sombra parecia se mover, com pernas e braços disformes, mas sem rosto, caminhando de um lado para o outro: era uma criatura viva!

O coração de Zin disparou. Nunca havia sentido tanto medo em sua vida, nem mesmo naquele fundo escuro do mar no Reino do Coral, onde encontrou criaturas marinhas enormes e um desolado capitão fantasma.

Aquela sombra viva no telhado era mais assustadora, porque de dentro dela emanava um profundo vazio, como se todas as coisas alegres do mundo simplesmente não importassem.

Então, de relance, Zin notou que o mestre Kipo estava bem ali, num pequeno terraço coberto do templo, sendo mantido prisioneiro por aquela sombra. O menino pensou que, se tivesse aprendido alguma magia do elemento luz, poderia vencer aquela criatura. Mas tudo o que ele sabia era dominar a água, o fogo e a terra.

Foi nesse instante que uma lembrança veio à sua mente, era um dia de treino no campo de dentes-de-leão em Etéria, quando o mestre Kipo disse as seguintes palavras:

— Nunca se esqueça disso, garoto: você tem uma luz poderosa dentro de si. Essa luz pode ser até mais forte que a mais avançada magia.

Aquela frase ecoava no pensamento de Zin, enquanto ele se escondia da grande sombra atrás de uma elevação do telhado. A chuva e os trovões estavam mais fortes do que nunca. Mas ele finalmente entendeu o que precisava fazer.

Zin tomou coragem e caminhou em direção à sombra. Quando a criatura disforme notou sua

presença, ela veio imediatamente até ele, emitindo um rugido melancólico, de desespero, tentando envolvê-lo no medo.

Mas o garoto fechou os olhos. Ele apenas fechou os olhos, ergueu a mão com a palma em riste, ordenando que a sombra parasse. Ele disse:

— Eu tenho más notícias pra você, amigo. Estou com os olhos fechados, vê? Desse modo não vejo nenhuma sombra. Não, com os olhos fechados eu vejo apenas minha luz interior. E minha luz é mais poderosa que a mais avançada magia. Você não me assusta mais.

Ao ouvir aquilo, a sombra ficou em pânico. Ela começou a se desmanchar, derretendo mesmo sobre o telhado do templo, como se a água da chuva a estivesse levando embora. Em questão de segundos não havia mais nenhum sinal dela.

Zin abriu os olhos. A tempestade começou a parar. Apenas uma fraca garoa caía do céu. Algumas nuvens dispersaram, deixando uma pequena faixa de luz iluminar o vale.

O mestre Kipo estava bem ali, no terraço, um pouco desorientado:

— Zin? É você mesmo? O que está fazendo aqui, garoto? — Ele perguntou, confuso com a situação.

— Senhor Kipo! É tão bom ver você! — Disse o aprendiz, correndo para dar um forte abraço no mestre.

Quando Kipo recebeu aquele abraço, ele sentiu toda a luz interior do pequeno Zin. Aquele velho gato rabugento não sentia uma luz tão forte assim há muito tempo. Uma lágrima escorreu dos seus olhos pequenos. E ele apenas disse:

— Obrigado, garoto. Obrigado por vir me buscar.

— O que aconteceu? — Zin perguntou.

— Acho que me perdi na tristeza. Isso acontece às vezes com as pessoas.

— Até mesmo com um guardião dos reinos da magia?

— Ora, especialmente com eles, garoto. Especialmente com eles.

Eles não disseram mais nada. Não havia mais o que dizer. Zin compreendeu tudo o que seu mestre estava passando.

As nuvens sumiram por completo e o sol iluminou o vale. Pela primeira vez, Zin podia ver a beleza daquele lugar. O templo ficava entre as montanhas verdes, com centenas de árvores de cerejeira nos arredores, e algumas cachoeiras desaguando num grande lago lá embaixo. Suas pontes e escadas eram feitas de bambu, suas paredes de madeira, suas estátuas de pedra de jade, suas telhas eram vermelhas com adornos dourados. No ponto mais alto do telhado, ficava o terraço coberto por flores e trepadeiras, onde os dois estavam agora, contemplando a paz daquele mundo.

— Este é o verdadeiro Templo do Sol e da Lua. É uma das fontes primárias da magia. — Explicou Kipo.

— É fascinante.

— É um dos meus lugares favoritos. Eu tinha planos de trazer você aqui, para algumas lições avançadas, mas acho que você acabou descobrindo o caminho. — Disse o mestre, orgulhoso do menino.

— Eu tive ajuda do Conselho de Magos. Poxa vida, temos que voltar, mestre! Todos estão preocupados com você!

— Aqueles velhos não têm mais o que fazer? — Resmungou Kipo, com um sorriso provocador.

E foi assim que o aprendiz salvou o mestre. O senhor Kipo abriu um portal com seu cajado, bem ali, no telhado do templo, e logo os dois estavam de volta a Etéria.

A Magia das Pequenas Coisas

Depois que Zin conseguiu resgatar o mestre Kipo, todos os magos de Etéria passaram a conhecer e admirar o mais jovem aprendiz do reino. Aquele garoto tinha um dom especial. Por um tempo, só se falava do pequeno Zin nos corredores do castelo e no mercado da cidade. Mas a fama e o mérito não mudaram o caráter do menino.

Os dias se passaram e Zin continuou seu treinamento. Todas as manhãs, ele praticava as magias da água, do fogo e da terra. E no fim da tarde, dedicava-se a um novo desafio: aprender a dominação do ar.

— A magia do ar é a última que vou aprender, senhor Kipo?

— Imagina, garoto. É claro que não. O ar é apenas o último dos quatro elementos básicos. Um

mago também deve aprender magia dos elementos superiores. — Explicou Kipo.

— Elementos superiores? — Perguntou Zin, surpreso com aquela informação.

— Sim. Quando você dominar bem o básico, ou seja, água, fogo, terra e ar, poderá começar a estudar magia luminosa.

— Isso parece bem legal. Como são essas magias da luz?

— São oito, ao todo. Primeiro, temos a luz branca, que é a combinação de todas as cores. A magia com luz branca é a base para as outras. Depois, com mais experiência, um mago deve aprender a separar as sete cores: temos a luz vermelha, laranja, amarela, verde, azul, anil e violeta.

— Você vai me ensinar, mestre?

— No tempo certo. Por hora, concentre-se na lição que te passei.

A lição de dominação do ar não estava sendo fácil para Zin. Ele deveria fechar os olhos, em

meditação, e se concentrar na leveza do espírito. Imaginar o ar entrando em seus pulmões, circulando pelo corpo e depois saindo, no fim de cada ciclo. Deveria imaginar ser tão leve quanto uma pluma e desenhar em sua mente o ar envolvendo seu corpo, assim poderia levitar por um breve momento.

— Eu não consigo... — Resmungou o aprendiz.

— Ora, você consegue! Seu espírito é leve como pipa. Lembre-se de tudo o que realizou: você salvou um capitão pirata do fundo do reino do coral, pôs um fim à guerra entre os domadores do fogo e do gelo e, não fosse o bastante, você me trouxe de volta, Zin.... Você foi o único capaz de me encontrar no fundo da minha tristeza e me trazer de volta à luz. Por que então seu espírito não está tão leve agora?

— Você disse “leve como pipa”? — Perguntou o menino, com uma ideia se formando em sua mente. O mestre Kipo logo entendeu o que ele estava pensando:

— Oh, sim, garoto. É isso mesmo! Você gosta de soltar pipa com sua mãe, certo? Acho que podemos mudar um pouco a lição...

Era um fim de tarde bonito, com a luz do sol poente pintando o céu de amarelo, quando Kipo foi, pela primeira vez, conhecer a casa do seu aprendiz. Zara ficava muito feliz sempre que o filho vinha visitá-la, mas tal ocasião era ainda mais especial, por receber o mestre pelo qual Zin tinha tanto carinho.

Ela ofereceu um chá com seus famosos bolinhos de maçã com canela, os quais deleitaram o paladar do velho Kipo.

— Fabuloso, dona Zara! Simplesmente fabuloso! — Foi a reação do mestre ao apreciar o pequeno banquete.

— Eu queria te agradecer, Kipo. Por tudo o que você tem feito pelo Zin. Ele está feliz e você é o responsável.

— Kipo fica honrado. Mas esse garoto tem as sementes da alegria plantadas aqui, nesta casa, dona Zara. Na verdade eu é que devo agradecer. — Ele disse, fazendo um sinal de gratidão com as duas patas unidas.

— Quando vamos começar? — O menino perguntou, ansioso pela hora de treinar magia com a pipa.

— Agora mesmo. — Anunciou o mestre.

Todos ajudaram a limpar a mesa do café e, depois, saíram para o jardim da pequena ilha onde Zin morava. Zara trouxe a pipa, que tinha emprestado do bazar da cidade, como fizera tantas vezes com o filho.

— O que eu faço? — Perguntou Zin.

— Bom, a magia do ar tem a ver com leveza de espírito. Você já tem isso dentro de você. Só precisa

deixar fluir e se concentrar no elemento ar ao seu redor. Então, meu conselho é: divirta-se.

Zin abriu um sorriso. Ele entendeu exatamente o que o mestre estava dizendo. Saiu correndo com o carretel nas mãos, dando linha aos poucos para a pipa, até que os ventos de Etéria fizeram seu trabalho e a pipa subiu alto no céu.

Zin corria em círculos pelo jardim da pequena ilha, depois saltava para as ilhas vizinhas, passando por tantos jardins enquanto a pipa subia cada vez mais. Então Zara fez a mesma coisa, pois pegara para ela uma segunda pipa, e Kipo também, pois havia uma terceira.

E então os três ficaram ali, por um tempo apenas se divertindo, correndo pelos jardins de Etéria enquanto as pipas bailavam no ar.

— Agora, Zin, faça como eu, deixe a magia fluir por você! O ar é uma seda, um balanço, um navio! Veja como é fácil voar assim.

E mestre Kipo estava voando, deixando-se levar pela pipa e pelo vento. Zin sorriu, admirado.

Ele se concentrou no elemento ar e, em pouco tempo, estava flutuando ao lado do mestre.

— Olha, mãe! Estou voando, estou voando!

Zara ficou tão emocionada com aquilo que deixou correr uma lágrima de felicidade. Era muito bom ver o pequeno Zin sorrir daquela forma. Aquele sentimento era tão puro e forte que, sem perceber, ela mesma começou a levitar.

E assim passou aquele fim de tarde mais que especial, com os três flutuando entre as nuvens, até pousarem delicadamente no jardim da casa.

— Isso foi incrível! Você também consegue fazer magia, mãe! — Disse Zin.

— Não é? Por essa eu não esperava... Mas foi graças ao mestre Kipo aqui. — Respondeu Zara, sorrindo e dando um abraço em seu filho.

Kipo ficou apenas observando aquela cena. Por um momento, uma ponta de saudade se revelou em seus olhos: ele sentia falta da família. Quantas vezes ele mesmo não tinha flutuado entre as

nuvens, soltando pipa com seu pai e sua mãe, nos reinos mágicos mais belos do universo?

— Como isso é possível, senhor Kipo? Minha mãe não fez todo o treinamento, acho que ela é a verdadeira maga da família.

Kipo apenas disse:

— Na verdade, todas as pessoas têm magia. Elas só precisam se lembrar disso de vez em quando.

O sol estava quase oculto por completo no horizonte. As estrelas começavam a aparecer no céu, que se cobria do manto azul da noite. O pequeno Zin tinha, finalmente, dominado o elemento ar.

Depois daquele dia, Zin teve um período de descanso. Ele já era capaz de realizar magia dos quatro elementos e, segundo o mestre Kipo, deveria manter a prática em dia. Mas seria preciso um

tempo maior até que pudesse começar a aprender magia da luz. Então o mestre lhe concedeu uma semana de férias, para que ele pudesse passar um tempo com sua mãe.

A principal festividade de Etéria estava chegando — a Noite da Luz — e esta com certeza era uma data para se passar com a família. Todos os moradores do reino ajudavam a construir uma linda árvore de cristal no centro da cidade, e na última noite do ano, havia uma cerimônia de homenagem aos entes queridos que haviam partido. Cada família ascendia uma lanterna de papel de seda e a depositava aos pés da grande árvore, em memória de alguém especial. Todo ano, Zara fazia uma lanterna para Lucas, o pai de Zin, que já não estava mais entre eles há muito tempo.

Mas Zin não parava de pensar em Kipo, na saudade que o velho guardião sentia da sua família e em como o mestre devia ser um tanto solitário, especialmente naquela época do ano. Então, ele decidiu ajudá-lo.

Desde que começara seu treinamento como mago, Zin aprendeu a ler. Ele ainda tinha alguma dificuldade com a leitura, mas com a ajuda do velho Celestino, no castelo, e de sua mãe, na ocasião das visitas, o menino aos poucos foi melhorando. A habilidade de ler runas mágicas e abrir portais para outros mundos era um estímulo fascinante.

Certo dia, Zin achou na biblioteca de Melchior um livro que chamou sua atenção: o título do volume era *O Berço das Estrelas*, o lugar para onde os pais de Kipo haviam partido, de acordo com a memória do mestre. Então o garoto começou a ler o livro, dia após dia, até saber tudo o que precisava sobre aquele lugar.

Zin descobriu que o Berço das Estrelas era um dos reinos mágicos superiores, e que havia apenas duas formas de chegar até lá: a primeira, mais comum, quando chegava o tempo natural de uma pessoa fazer a passagem (todos os seres estavam destinados a morar nas estrelas um dia); e a

segunda forma, mais rara, pela abertura de um portal de luz.

Mas fazer um portal de luz não era uma tarefa simples: para isso, seria necessária a ajuda de um mago experiente com magia da luz. Como Zin queria fazer uma surpresa para o velho Kipo e o mago Celestino andava muito ocupado nos últimos dias (tentando controlar uma infestação de fadas zombeteiras no Bosque de Elinor), o menino decidiu pedir ajuda para Melchior. Quem melhor do que o mago supremo do reino para ajudar com uma magia do mais alto nível?

Melchior ouviu atentamente o plano de Zin, mas ficou surpreso com a ideia do menino:

— Ideia ambiciosa para alguém da sua idade, garoto. — Disse o rei. — Mas a intenção é nobre.

— Você pode me ajudar com isso, senhor?

— Bom, eu posso ajudar... Mas as coisas não serão como você imagina.

— Como assim? — Perguntou o menino.

— Um portal de luz não é como esses portais mágicos comuns, que abrimos dizendo as palavras de um livro. Um portal de magia de luz deve ser feito com cinco ingredientes básicos.

— E quais são eles?

— Primeiro, uma intenção nobre. Aquele que abre o portal deve fazê-lo para outro e nunca para si mesmo. Para contentar o coração de outro ser.

— É isso o que eu quero! Deixar o mestre Kipo feliz...

— Muito bem, eu vejo isso. A intenção nobre você já tem. Agora, com isso em mente, você deve encontrar quatro runas mágicas ocultas na cidade de Etéria.

— Runas ocultas? — Perguntou Zin, achando aquilo tudo um pouco confuso.

— Oh sim. Você deve percorrer a cidade, Zin, passando pelos quatro pontos cardeais (norte, sul,

leste e oeste) e em cada canto revelar uma runa mágica ali existente, até então oculta aos olhos de todos.

— E como vou fazer isso?!

— Você precisa olhar com atenção. Essas runas estarão em lugares especiais: elas serão a expressão da mais pura e espontânea forma de magia. Quando encontrá-las, acredite, você vai saber.

— E como eu as revelo?

— Tome. Um pouco de pó de fada e essas coisas se revelam. Mas para achar os lugares certos, você deve meditar, seguir sua intuição e perceber as flutuações da magia.

Melchior entregou a Zin um saquinho de tecido, azul marinho com estrelas e luas de prata bordadas, e no interior havia uma boa porção de pó de fada.

— Obrigado, senhor.

— Revele as quatro runas. Depois volte aqui e eu te ajudo com a magia da luz.

A primeira runa estava na região sul da cidade, no pequeno cais de barcos flutuantes. Daquele ponto alguns veleiros partiam, logo cedo pela manhã, para levarem passageiros e mercadorias rumo a outros reinos mágicos suspensos no céu, como Etéria. Alguns desses barcos dedicavam-se à coleta de algas celestes — pequenos vegetais ondulados, de todas as cores, que serviam de alimento aos peixes alados bem como ao povo eteriano.

Então Zin ficou ali no cais, observando as embarcações que partiam: os marinheiros muito organizados, com seus uniformes brancos, deixando tudo bem polido em cada barco; as pessoas se despedindo de seus entes queridos, ou abraçando aqueles que chegavam; os pescadores de algas celestes, lançando suas redes nas massas brancas das nuvens, retornando ao cais em suas pequenas canoas.

Zin sentiu que havia muita magia naquele lugar. Ele então fechou os olhos e deixou seu coração e sua intuição falarem. Lançou um punhado do pó de fada no ar, da beira do cais, e viu a runa mágica se desenhar no céu: tinha a forma de um peixe e emanava uma luz azul.

A segunda runa estava no extremo oeste. Etéria era conhecida por seus maravilhosos jardins, cada morador do reino tinha um jardim florido em casa. Mas ali, na ala oeste da cidade, havia um grande pomar, um jardim público onde todos podiam plantar e colher as mais belas flores e os mais doces frutos do reino.

Os anciãos e anciãs passavam o começo da manhã e o fim da tarde no pomar, trabalhando na terra, na horta e nas pequenas árvores. Crianças vinham visitar o local com suas famílias, para

aprenderem tudo sobre jardinagem, o ciclo das estações, e para se divertirem também.

Zin sentiu a magia daquele lugar. Ele achou uma clareira bem no meio dos pessegueiros e soube que ali era o ponto de mais elevada magia. Jogou o pó de fada no ar e a runa se revelou: tinha a forma de uma árvore e emanava uma luz verde.

A terceira runa ficava ao norte. Zin foi caminhando pelo reino, meditando e sentido as flutuações da magia, como Melchior o ensinara. Tudo apontava para o extremo norte da cidade, exatamente onde ficava o castelo.

Então Zin subiu por uma das plataformas flutuantes, ele mesmo já era capaz de fazer a levitação. E quando chegou ao castelo, começou a procurar por todos os cantos, até achar o lugar certo.

Para sua surpresa, nos fundos do castelo havia uma grande varanda, com vista para os penhascos que demarcavam o fim da ilha de Etéria e o começo do vasto céu, com o mar de nuvens logo abaixo, dourado pela luz do sol. Não era muito diferente de qualquer outra beirada do reino, mas ali havia algo especial: no horizonte norte, podia-se ver, ao longe, penhascos e porções de terras de outras ilhas. Algumas espécies de pássaros e peixes alados voavam por ali.

Não havia dúvidas: aquele era o ponto de máxima magia da área norte do reino. Zin lançou o pó de fada e, quase entre as nuvens, a runa se desenhou: tinha a forma de um pássaro e emanava uma luz dourada.

A quarta runa ficava ao leste. A essa altura da jornada, Zin já estava muito bom em perceber as flutuações da magia. Era como se houvesse uma

força vital, uma energia que passava por tudo no mundo. E agora ele era capaz de sentir isso.

Não precisava mais meditar ou gastar muito tempo procurando: dessa vez, por alguma razão, a sensação estava mais intensa e Zin soube exatamente o caminho que devia seguir.

Ele saiu do castelo e caminhou até uma das torres da região leste. Para sua surpresa, era a torre do mago Celestino. Desceu pela plataforma até o aglomerado de pequenas ilhas que conhecia tão bem. Passou por aquelas casas, pelas pontes de pedra e pelos jardins de velhos conhecidos. E assim foi caminhando, depois correndo e saltando de uma ilha para a outra, até chegar ao ponto de mais elevada magia no reino: a sua casa.

O pequeno Zin parou para respirar um pouco, pois estava cansado. Quando se recuperou, caminhou pelo jardim até a porta da frente. Entrou sem bater, pois sabia que aquela porta estava sempre aberta para ele.

— Zin! Chegou na hora certa. Fiz os bolinhos de maçã que você gosta. — Disse sua jovem mãe, sorrindo ao ver que o filho voltara da rua. — Como foi a sua aventura?

Enquanto comiam bolinhos com chá, Zin contou tudo sobre as runas que havia encontrado. Zara ouviu o relato atenta e empolgada com as novas descobertas do filho.

— Poxa vida, e só falta uma runa então? Onde deve estar? — Ela perguntou.

— Eu acho que já encontrei. — Disse o menino.

Então Zin se levantou, agradeceu pelos bolinhos, como sempre fazia, e jogou o resto do pó de fada ali mesmo, na sala da sua casa. A última runa se desenhcou no ar: tinha a forma de uma casa e emanava uma luz branca.

— Poxa Zin, isso é maravilhoso! Você ficou muito bom nessa coisa de magia.

— Não sou eu, mãe. É a nossa casa: é o ponto de mais elevada magia em todo o reino.

O Berço das Estrelas

Finalmente o evento mais especial do ano havia chegado: a Noite da Luz. O povo se reunia na praça central do reino, ao redor da grande árvore de cristal, e tudo estava muito bonito, com enfeites e luzes por toda a cidade. Todos vinham acender suas velas ao pé da árvore, para homenagear seus ancestrais.

Zara e Zin acenderam a vela para Lucas, como faziam todos os anos.

— O papai deve estar feliz nas estrelas hoje. Porque o céu está bem bonito.

— Sim, meu filho. Com certeza seu pai está feliz. Especialmente por ver você se saindo tão bem como futuro mago. — Disse a mãe, com um sentimento de paz, acariciando os cabelos do filho.

— Você acha mesmo? — O menino perguntou.

— Eu tenho certeza.

E ali ficaram, mãe e filho, admirando a beleza da grande árvore. Eles também acenderam velas para os avós de Zin, que o menino não chegou a conhecer: mas sabia seus nomes e gostos e expressões faciais, pois Zara sempre lhe mostrava fotos e contava todas as histórias da família.

E então, uma voz grave e bondosa, bem conhecida deles, veio saudá-los:

— Uma noite bonita, para uma família bonita! Desejo muita luz a vocês. — Era Melchior, que veio cumprimentá-los, seguindo a tradição do reino. A essa altura, Zara e Zin eram para o rei duas pessoas muito queridas. Mas ele vinha também com um objetivo em mente:

— Tudo pronto para hoje, garoto? — Ele perguntou a Zin com uma piscadinha, deixando no ar um segredo entre eles.

— Tudo pronto! — Disse Zin.

— O que vocês estão aprontando? — Indagou Zara, mas com um bom pressentimento de tudo aquilo.

Quando todos já estavam reunidos, magos e magas, confeiteiros, jardineiros e artesãos, o rei fez um pequeno discurso:

— Meus amigos, moradores de Etéria... Já sabemos, por nossa tradição, que esta é a noite mais especial do ano: a noite em que honramos nossos ancestrais. Mas hoje será diferente. Hoje não apenas honraremos a memória dos entes queridos, faremos algo a mais. Hoje uma janela para o Berço das Estrelas será aberta, para que o nosso querido Kipo, nosso amado Guardião, possa encontrar a paz e o conforto de que tanto precisa.

Todos ficaram surpresos com a fala do rei. O mestre Kipo, que acompanhava tudo de longe, se aproximou lentamente, ainda sem acreditar no que ouvira. O pequeno Zin correu em direção ao mestre e lhe deu um abraço, sussurrando ao seu ouvido:

— Essa é pra você, senhor Kipo!

O velho Kipo já começava a lacrimejar e com suas patinhas enxugou as lágrimas que caíam pelo bigode.

E então, todos os magos e magas do reino fizeram um círculo ao redor da grande árvore. Todos eles emanaram uma poderosa magia de luz com suas mãos, e a luz de cada um subiu alto até o topo da árvore, formando uma estrela. Nesse momento, Melchior disse as seguintes palavras:

—*Pólis Astérion!*

Ao dizer o feitiço, a estrela no topo da árvore se desfez e toda a luz se dividiu em quatro feixes: um para o sul, um para oeste, um para o norte e um para o leste. Em cada canto da cidade a magia tocou as runas que Zin havia revelado, fazendo cada uma brilhar como nunca antes, como se fossem quatro poderosas lanternas, projetando suas imagens no céu noturno. Foi assim que todos viram o peixe, a árvore, o pássaro e a casa, como figuras celestiais, como se fossem constelações nunca antes descobertas.

— Agora é com você, Zin. — Disse Melchior, convidando o menino a se juntar a ele.

Zin se posicionou perante a grande árvore e todos o observavam. O menino fechou os olhos e entrou em profunda meditação, com as palmas das mãos unidas no centro.

Naquele momento, ele apenas ouviu sua respiração. E se concentrou nas boas memórias que tinha compartilhado com o mestre Kipo. Ele podia sentir o ar frio entrando em seus pulmões e o ar quente saindo. E então, viu em sua mente a imagem de um círculo de luz. Uma energia pura e revigorante vinha desse círculo. Zin soube que estava na hora de dizer, com a vontade de seu coração, as palavras que Melchior havia lhe ensinado:

—*Pólis Astérion!*

E foi assim que um menino que não queria ser mago se tornou o pequeno mago mais lembrado da história de Etéria: aquele que abriu um portal para o

Berço das Estrelas. Porque foi exatamente isso o que aconteceu.

O círculo de luz que ele via em sua mente apareceu bem ali, na praça da grande árvore, na Noite da Luz, para que todos pudessem ver. Mas só o mestre Kipo teria a honra de atravessar. Aquela magia tinha sido feita especialmente para ele.

Quando Kipo atravessou o portal, ficou emocionado com a visão. O velho mestre já tinha viajado por tantos mundos da magia, mas era a primeira vez que entrava no Berço das Estrelas.

O lugar tinha o aspecto de uma vila celestial: campos e colinas suaves, com grama macia e flores azuladas; borboletas e vagalumes bailando ao redor das árvores; e pequenas casas brancas, espalhadas por todos os cantos, aqui e ali, a certa distância umas das outras, permitindo que a natureza cobrisse a maior parte do ambiente. E o céu noturno

mais bonito que já vira, coberto de infinitas constelações, luas tão próximas que pareciam gigantes, e até pequenos planetas que eram vistos a olho nu.

Mas nenhuma dessas maravilhas se comparou ao momento em que Kipo finalmente encontrou seus pais. Lá estavam eles, seu pai e sua mãe, vestindo túnicas brancas e com o mesmo olhar doce de suas lembranças. Kipo não se conteve ao vê-los e correu para um abraço:

— Pai! Mãe! — Foi só o que ele disse, pois não precisava dizer mais nada. Seu olhar feliz e emotivo dizia tudo.

— Meu filho, é muito bom revê-lo. — Disse o pai.

— Sentimos sua falta. — Disse a mãe.

— E eu a de vocês! — Disse, por fim, o velho Kipo.

Depois daquele primeiro momento, tão profundo e emotivo, a família conseguiu acalmar os ânimos. Na verdade, quem mais precisou se acalmar

foi Kipo, pois todos aqueles que moram no Berço das Estrelas costumam ter uma paz de espírito singular. Então, quando o velho Kipo já não estava mais tão ofegante, tão perplexo com a emoção do reencontro, seu pai lhe disse algumas palavras:

— Meu filho, é uma alegria tê-lo aqui conosco, mesmo que por um instante. Como deve saber, não temos muito tempo, pois logo você retornará a Etéria. Afinal, a hora da sua passagem ainda não chegou.

— Eu sei bem, meu pai. É uma alegria estar aqui. Sou grato pelo tempo que temos. — Disse Kipo.

— Muito bem, filho. São as palavras de um mestre. Eu e sua mãe só queremos dizer algumas coisas. Para você faz tempo que não nos vemos, pois sua última lembrança de nós é de muitos anos atrás. Mas para nós é diferente. Daqui, desse lugar sagrado, pudemos te ver muitas e muitas vezes ao longo desses anos. Vimos você crescer e se tornar um Guardião dos Reinos da Magia. Vimos você

ensinar e cativar cada um dos seus aprendizes. E saiba que estamos profundamente orgulhosos de você. — Foram as palavras solenes de seu pai.

— Sim, meu filho. Você tem uma vida de luz e nada nos deixaria mais feliz. Saiba que estamos sempre ao seu lado, especialmente nos momentos em que você mais precisa. Mas nossa maior alegria é saber da sua força interior, da sua capacidade de superar os desafios da vida, da sua sabedoria que aceita a ajuda daqueles que te amam. Tudo o que nós queremos é que você continue colocando luz no mundo. E um dia, estaremos juntos novamente. — Foi o doce testemunho de sua mãe.

Kipo não podia conter as lágrimas, pois naquele momento sua alma não cabia em seu corpo, então precisava sair um pouquinho. Mas ele ficou em paz. Não disse mais nada, apenas sorriu e aceitou as boas palavras de seus amados pais.

Quando o tempo acabou, eles se despediram com um último abraço. E então, com uma ponta de tristeza ao deixá-los novamente, mas com o coração

completamente revigorado, Kipo fez a travessia e acenou para sua família, enquanto o portal se fechava. Viu sua mãe e seu pai sorrindo para ele, até que o círculo de luz se fechou e desapareceu.

O velho mestre estava de volta à praça, em frente à grande árvore de Etéria, e se sentia como um menino mais uma vez.

— Obrigado por isso, garoto. Kipo nunca vai esquecer! Você me trouxe a paz que eu precisava, que é o melhor dos presentes. Um dia, você vai ser um grande rei mago. — Foram as palavras de gratidão do mestre ao pequeno Zin. Ele soube pelos magos do reino que tudo aquilo tinha sido ideia do menino.

— Fico feliz em ter ajudado, senhor Kipo! Mas se não fosse o Melchior e os outros magos, se não fosse por você e suas lições, eu não teria conseguido.

— Muito bem, garoto. A humildade é a marca de um grande rei.

— Isso foi um elogio, mestre?

— Foi... Mas não fique abusado. Você ainda tem muito que aprender. Amanhã, começamos o seu treino avançado em magia da luz.

— Achei que eu tava de férias! — Contestou o menino.

— Bom, acho que podemos tirar mais alguns dias para descanso. Por hoje, vamos apreciar a beleza da noite. — Disse o mestre.

E ali ficaram o pequeno Zin, sua mãe e o mestre Kipo, num banco da praça, apreciando as luzes da noite mais mágica do ano, sonhando com o futuro. Zin estava simplesmente feliz. Talvez fosse apenas aquela sensação boa que temos quando ajudamos alguém. Talvez fosse a certeza de que o Cristal da Passagem não tinha errado com ele. Ser um mago, afinal, não parecia mais tão horrível assim. Que mundos mágicos ele ainda poderia conhecer, só o tempo diria.